

A Defesa Nacional

ASSUMPTOS MILITARES

(XIV - Dez. - 168)

EDITORIAL

Ainda em torno da Questão Fundamental

NESTE numero, neste anno, nesta época, — oito annos depois da vinda da Missão — o titulo que encima estas linhas, já devia ser, logicamente, um titulo gasto. Entre nós, infelizmente, é um titulo sempre novo. Repetimo-lo pois, hoje. Havemos de o repetir, amanhã, por certo, e sempre o repetiremos, até que os ouvidos, cansados de o ouvir, nos escutem.

Em todo exercito a formação dos Quadros é o primeiro indice de um programma que se elabora. Construir um quadro de officiaes aptos, corresponde a tornar possivel a evolução e a generalização do programma que os modelou.

Isso é tão espontaneo e tão curial que o proprio regulamento lá considera — “A tropa vale o que valem seus quadros”.

Ora esse principio — copiado dos regulamentos de outros povos, aqui se imp'antou tambem em todos os nossos. Mas quem lhe deu attenção? Não basta sentenciar. A palavra mesmo a de Christo — pede o exemplo. E o exemplo — seria uma lei que formasse os quadros, já que temos a pretensão de formar a tropa. Tudo o mais são palavras, espalhadas em varios regulamentos, formando um conjunto que já se avoluma, já tem peiora extensão, mas que, infelizmente não chega a influir como doutrina. E esse conjunto cheio de palavras sonoras, de exigencias, e de maximas continuará inocuo, despercebido, morto, enquanto não se levar a elle o complemento necessario da formação de quadros seleccionados. Porque só esses — pelas suas possibilidades proprias, pelo seu desejo de aprender, podem levar áquellas palavras a seiva vivificadora da sua vontade, do seu amor e da sua intelligencia.

Enquanto continuamos a copiar palavras francesas sem aproximar o meio da mentalidade que as criou e

deu vida, tudo redundará em semear e semear, em tornar a semear até que — gastos de tanto trabalho, nos apercebamos que o terreno sáfaro e mesquinho exige adubo farto.

...

Todo programma exige tempo. Esta só condição seria bastante para exigir, desde logo, ha oito annos atrás, uma lei de promoções. Sem partir dessa base, como garantir a esse programma — cuja essencia não comportava nenhuma continuidade dos nossos processos, mas ao contrario, criava, em meio extranho processos absolutamente novos como garantir a esse programma a sua adaptação e, em consequencia, a sua evolução, a sua durabilidade é até a sua legitimidade?

O que se está passando é o que logicamente se deveria passar. Copiamos regras; arrumamos exigencias; escrevemos em lingua nacional doutrinas de outros povos, mas continuamos tão nossos quanto antes e sem nos preocuparmos com o que copiamos — vamos nos deixando estar, com todos os nossos defeitos e insufficiencias — calmos, despreocupados, indifferentes.

...

A doutrina regulamentar não existe porque existem os regulamentos. Paralelamente a ella — é preciso criar no Exercito — que é uma collectividade e que tem por isso mesmo uma alma propria — os habitos — o espirito, e a mentalidade capaz de comprehende-la. Ora esse trabalho que é todo de instrucção não se limita ao verbo do professor.

Este “prega” a nova ideia. Sentir essa ideia; compenetrar-se della; adaptá-la ao meio, desenvolvendo-a, modelando-a ás nossas proprias necessidades é uma elaboração por tal forma lenta e por tal forma imperiosa que só a continuidade, a persistencia, o estímulo, sempre renovado, de gerações e gerações poderá diffundi-la através do ambiente e homogeniza-lo

a uma doutrina que se codifique em letras e se traduza em habitos.

Por enquanto estamos nas letras. Quanto aos habitos, — ninguem se illuda — não o criaremos sem que subordinemos a nossa evolução á evolução mesma dos individuos.

— Ora estes não são senão o resultado do meio em que vivem. Submergido neste “mosaico” de aptidões — nesse *Kaleidoscopio* de mentalidades — nesse *pickles* mental, que continuidade, que evolução que legitimidade pôde-se-lhe assegurar annos depois — largado nelle, livre de exigencias e tendo para cumulo do seu isolamento, como unico estímulo as qualidades intrinsecas da sua propria personalidade?

Fraca que seja esta — e estará perdido o trabalho e o formidavel capital que a Nação gastou com elle

E a obra do seu aperfeiçoamento terá que se iniciar de novo.

...

Nós poderíamos terminar aqui — mas não nos queremos furtar ao prazer de repetir, ainda uma vez, estas sabias palavras:

“O corpo de officiaes representa o arcabouço da instituição; equivale ao conjunto das paredes mestras de um grande edificio, a que se prendem e deante das quaes se tornam secundarias todas as obras interiores e de caracter complementar.

A officialidade de um exercito moderno representa a urdidura permanente da força armada; forma uma especie de crivo por onde passam as massas interminas de recrutas que ella submete a uma educação e instrucção systematicas e que afeiçoão ás suas proprias qualidades, no afan seductor de as capacitar para a defesa da Patria.

O official é educador e instructor no remanso da paz, e exem-

Tiro Mascarado de Artilharia de acampamento de Infantaria

Pelo Cmte. J. WELLER — Da M. M. F.

QUANDO se fala do tiro da A.A.I., e mais particularmente, da destruição de metralhadoras, admite-se, quasi sempre, que o material *permitta* occupar posições desafiadas, no minimo das armas automaticas inimigas tomadas como objectivo.

Comtudo, não é raro ouvir-se, ou mesmo ler-se, que este tiro não é obrigatoriamente mascarado, e que a A.A.I. póde, — e, diz-se mesmo, — deve, atirar á risca.

Fixemos bem a questão: A A.A.I. recebe uma missão. O que della se tem direito de exigir é que a cumpra. Reste-lhe ao menos a faculdade de se mascarar, se poder faze-lo.

Parece inutil insistir sobre os inconvenientes de expôr uma artilharia ás vistas das armas automaticas inimigas. Póde-se ficar certo de que não sómente a metralhadora (tomada á parte pelo canhão) o verá, se ella fôr vista mas a maioria das armas automaticas inimigas que tiverem possibilidades de atirar, não deixarão escapar tão bello objectivo: A.A.I. debaixo de tal fogo, não poderá cumprir sua missão.

De resto, não é sobre isto que se discute habitualmente. Os partidarios do tiro directo parece admittirem que, se a infantaria recebe tiros de metralhadoras, a artilharia poderá tambem recebe-los. E, sem se occuparem dos inconvenientes, elles não vêm sinão as vantagens da pontaria sobre o objectivo. Propomo-nos a mostrar que laboram em erro.

Quando o inimigo se revela a uma artilharia em posição, (ataque aproximado, cavallaria...) a artilharia contenta-se, (na impossibilidade de agir melhor em tão curto tempo), em dirigir os tubos, á vista, sobre o objectivo, utilizando a linha de mira ou a alma do canhão; (a pontaria em direcção seria mais longa, e a precisão obtida, aliás inutil neste caso, não seria maior).

Em geral a artilharia procura attingir o inimigo de uma posição mascarada. Daí ella executa um tiro indirecto, isto é, os canhões são apontados em direcção e altura sem que os apontadores necessitem ver o objectivo.

Para apontar um canhão em direcção, mesmo fazendo um tiro directo, e salvo o caso de uma ataque inopinado, faz-se uso de um instrumento graduado, chamado aparelho de pontaria, composto, essencialmente, de um aparelho optico, que póde tomar em relação ao canhão

uma orientação qualquer susceptivel de medida. O commandante da Bta., mede o angulo formado pelas duas rectas: canhão-objectivo, canhão-ponto de pontaria.

O apontador marca esse angulo no aparelho de pontaria. O eixo optico e o eixo do canhão fazem, então, entre si um angulo igual ao medido no terreno pelo commandante da bateria.

O apontador dirige o eixo optico do aparelho sobre o ponto de pontaria e o canhão tomará a direcção do objectivo (1).

Se o ponto de pontaria é o proprio objectivo o capitão não terá medida alguma a fazer, mas o trabalho do apontador em nada será modificado. Neste caso o apontador deverá registrar um angulo igual a zero e dirigir o eixo optico do aparelho sobre o objectivo. O canhão tomará tambem esta direcção.

A precisão do tiro será aumentada por essa razão? NÃO. Bem ao contrario, ella só poderá ser diminuida pela fumaça dos arrebentamentos e a menor visibilidade do objectivo. Além do que, o apontador, enervado pelo tiro inimigo, apontará com menos calma e exactidão.

Do mesmo modo se a pontaria em altura, é feita sobre o proprio objectivo com o aparelho de pontaria, a fumaça ou o desaparecimento possivel do objectivo, torna-la á incerta ou aleatoria, como a pontaria em direcção, e se ella é feita com o auxilio de um nivel ou uma alça graduada, é inutil vêr o objectivo, mais inutil ainda que no caso da pontaria em direcção.

Que vantagem existe então em occupar uma posição que permite ver o objectivo e por conseguinte, que expõe o canhão á vista do inimigo? Um unico: poupar ao commandante da bateria a medida de um *afastamento* angular. Não é este, sem duvida, o resultado procurado nem o fim que se tem em vista não podemos pensar em voltar aos casos em que o apontador observa seu tiro e o corrija, quer em direcção, quer em altura, como se fazia nos primeiros dias da artilharia.

Resalta, pois, claramente, pelo menos o crêmos, que só ha inconvenientes em querer — salvo em circumstancias especiaes — que a A.A.I. occupe posições não mascaradas.

(1) Não levamos em conta as perturbações devidas ao vento, á rotação do projectil...

plo vivo no meio da refrega. Sua conducta na vida habitual opera como exemplo estimulante e no meio do combate transforma-o em symbolo a que se apegam seus commandados para o seguir sem desfallecimentos.

Nada póde supprir um quadro defficiente e por isso tem-se visto tropas excellentes não lograrem

o bom exito que mereciam, á minima de dignos commandos.

Foi esta verdade, ampliada a um mais vasto ambito, que o grande epico sintetizou em verso quando disse:

Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

Palavras justas, escritas em 1916. Onze annos depois ellas continuam de

pé, justissimas. Evolveram os methodos de ensino; evolueu nossa cultura; tornou-se cada vez mais complexo nosso organismo militar, mas parece que só os homens não as quizeram comprehender e evoluer com ellas.

Hoje (1927) o autor dellas é o chefe do Estado Maior. Isso representa para nós a maior garantia que ellas serão traduzidas em lei.

Tactica de Infantaria

Notas tomadas durante as conferencias realizadas na Escola de Estado Maior pelo Professor de Tactica de Infantaria Ten. Cel. HUGUES.

NOTA DA REDAÇÃO — Chamamos especialmente a atenção de nossos camaradas para as conferencias do Cel. Hugues da M.M.F. que ora iniciamos. Como indica o sub-titulo ellas são o apanhado de nota tomadas durante as suas conferencias feitas na E.E.M. Isso deve constituir desculpa á qualquer incorrecção de palavras — cujo sentido não traduza bem o pensamento do autor; mas podemos assegurar, que apesar disso, nellas se conserva o espirito e a essencia mesma da doutrina daquelle mestre. Que os infantés e artilheiros se penetrem bem dos seus avisos, e não se esqueçam, que nada do que ouvimos, do que aprendemos, do que praticamos — vale sem o sentimento da sua necessidade real. E ninguem melhor do que o Cel. Hugues — infante-official de Estação do Maior — combatente 5 annos — amigo do Brasil — saberia nos dizer com mais autoridade e maior sympathia. Colloquemo-nos, pois, a altura do enthusiasmo com que elle se dictou — e aprendamos todos — suas lições e seus conselhos.

1.ª CONFERENCIA

A INFANTARIA

Summario: I — O official de Estado Maior deve començar por ser um bom infante.
II — A doutrina da Infantaria compre-

II — A doutrina da infantaria compre-
hende a doutrina do emprego do fo-
go (offensivo e defensivo) e doutri-
na do emprego do homem.
Machinismo e o homem.

III — O machinismo e o homem.
O infante:

III — O machin
O infante:

IV — O infante.
a) as perdas da Infantaria comparação com as das outras armas;

- a) com as das outras armas;
- b) as fadigas e a carga do infante; suas marchas;

- b) marchas; os trabalhos extraordinários; as
- c) guardas; conflito entre o instinto

d) o moral; conflito entre o instinto;
a conservação e o dever;

- d) o papel de conservação e o dever, de papel do chefe;
- e) o papel de especulações em torno do moral

e) o papel das especulações em torno do moral
f) do infante.

I — O official de Estado Maior deve começar por ser um bom infante. Para dar ordens á Infantaria, a arma que mais se fatiga e soffre, aquella que faz a guerra com os musculos, nervos e coração, é indispensavel conhecer perfeitamente as suas possibilidades, necessidades e seus meios. Isso evitará pedir-lhe esforços inuteis ou inexecutableis. Isso evitará resultar a perda de confiança da tropa no Estado Maior ou a inutilização prematura do instrumento.

II — O estudo dos regulamentos constitue a base da aprendizagem do official e nada pôde substitui-lo. Elles exprimem a verdadeira doutrina, de accordo com as realidades da Guerra e por isso não devem ser postos de lado por simples construcções de espirito innovadores, que parecem ter esquecido as experiencias da Guerra.

De todas as lições da Grande Guerra, a maior e a que custou mais caro aos combatentes, é a da *preponderância do fogo*, posta em evidência nas guerras de 70, Turco-Russa, do TRANSVALLE da MANDCHURIA mas esquecida com o decorrer dos annos.

Deve-se pôr em evidencia a potencia do fogo da Infantaria, cuja força inexoravel na defensiva ninguem contesta mas que tambem possui na offensiva virtude propria e efficaz. O hymno que aqui se cantará ao fogo da Infantaria não deve fazer esquecer o concurso indispensavel das outras armas.

Por outro lado a doutrina do fogo não suprime a manobra que é o *fogo que se desloca* nem o espirito offensivo do infante, porque a offensiva não é senão o *fogo que avança*.

III — Apesar dos progressos do armamento, continuam as forças moraes a ser os factores da victoria. E' ao homem, o artista obscuro da batalha, que cabe, em ultima analyse, sustentar os principios, e realizar a concepção do chefe.

IV — Falando exclusivamente do infante, não se tem em vista deprimir o papel dos camaradas das outras armas, aos quaes o infante muito deve.

Mas na realidade estas armas estão a serviço do infante e não têm outro objectivo senão o de permittir a progressão, e em seguida o entranhamento na terra do pygmeu de carne e osso que rasteja lentamente no pó e na lama.

Diz-se que esse pygmeu é o rei do campo de batalha, mas a sua realeza não tem brilho e a sua corôa é de espinhos. Tudo gira em torno d'elle e por isso a direcção lhe cabia mas quasi sempre não está em condições de assumi-la. Não descortina o campo de batalha do alto como o aviador, nem de longe como o artilheiro; ao contrario, elle o vê de baixo, collado á terra, com um horizonte limitado ao campo de tiro de sua arma ou ao compartimento de terreno, onde deve vencer ou morrer. Ai trabalha só, com o auxilio das trajectorias que a Artilharia inscreve no ceu para auxilia-lo e dos vôos da Aviação.

Suas perdas são formidáveis. No exército francês foram de 1 oficial morto para cada 3 existentes e de 1 soldado para cada 4 existentes, isto é, 3 vezes mais do que as das outras armas.

Que dizer de suas fadigas?! O aumento do numero de viaturas da Infantaria deixa o infante carregado como um burro de carga: em torno dos rins um cinturão com 7 kilos de cartuchos, nas costas uma mochila — verdadeiro armario — onde o infante milagrosamente arruma além da bagagem regularmentar (viveres de reserva, roupa, calçado sobresaente, etc.), latas de conserva, fumo, chocolate, vela, sabão, lampada a alcool solidificado, etc. Juntem-se a essa mochila a manta, a barraca, a ferramenta portatil, a marmitta e os utensilios de acampamento, e teremos a carga fatigante e quasi sobrehumana que elle nunca abandona embora sempre della se queixe. No borsal e nos bolsos ha ainda lugar para uma infinidade de pequenos objectos indispensaveis, do lenço ás pequenas recordações, do cachimbo ao espelho, agulha, tesoura, linha, botões, papel de cartas, etc., um verdadeiro bazar ambulante.

E por cima de tudo isso é obrigado a levar a sua arma que ás vezes pesa 9 kilos, a ferramenta portatil, o sabre, a mascara de gas, as granadas, etc.

E' esse homem assim sobrecarregado que o official de Estado Maior terá que movimentar, muitas vezes á noite, pelas estradas que levam ao campo de batalha. E depois de fatigado provavelmente a entrada em linha!

Cabe aos chefes avaliar o grau de fadiga de uma unidade, para retirá-la do combate com oportunidade, de modo que ella possa com alguns dias de repouso recuperar o seu equilibrio physico e principalmente moral.

É um difícil problema de consciência julgar o estado moral de uma tropa. Uns, com o receio de serem pessimistas, deixam-se arrastar por esperanças chimericas e ir-realizaveis, outros fazem juizo inverso. Entre os dois modos de proceder é muito mais perigoso o segundo porque uma tropa só estará prompta a atacar quando seu chefe se sente, por si mesmo, em condições.

Mas não basta julgar o moral da tropa é preciso exaltá-lo. Conserva-la nessa missão reside a mais nobre tarefa do chefe de Infantaria, conductores de homens, porque exige altas qualidades moraes e permite ler nos olhos dos seus homens a confiança e a certeza de que elles o seguirão por toda a parte, sempre.

E' por isso necessario educar o infante, levar ao seu coração o espirito de sacrificio, isto é, a vontade de tudo supportar para assegurar a victoria á causa sagrada que defende. Não se deve crear illusões e muito pelo contrario é indispensavel pintar-lhe os sacrificios, os perigos tragicos que o esperam.

Sabe-se, que não se luta com homens contra material mas também se sabe que é para o moral da tropa que

se appella quando é preciso explorar os resultados obtidos pelo material.

A pergunta — *Material ou Moral?* — parece querer contrapor um desses factores ao outro, como se não fosse evidente que o material não pode assegurar o successo sem o auxilio do moral e que o moral, não estribado no material proprio, nada pôde contra o material adverso.

A Guerra nos ensinou que nem a coragem, nem a habilidade podem compensar a insufficiencia de material e que será perigoso pretender abolir o moral pelo facto se possuir supremacia de material.

Tambem conhecemos o perigo que poderá resultar do facto de querer attribuir ao material uma situação predominante.

Quando proclamamos o dogma da indispensavel superioridade de fogo vimos que isso não implicava para a infantaria em cuidado exagerado para evitar as perdas; nem tão pouco em sujeição ás armas de material. Ao contrario, a infantaria é a arma principal porque é a unica que tem o poder de decisão e como o material nada pôde sem o moral, elle trabalha ao serviço da infantaria que é por excellencia a arma do moral.

O dogma da superioridade do fogo apresenta ainda outro perigo — o aumento exagerado das armas de material em relação á infantaria. De facto, se a infantaria é a arma principal; se é a arma cujo successo ou revez asseguram a victoria ou a derrota de todos; se é a arma soberana; se as outras armas só tem razão de ser enquanto trabalham com ella e para ella; constitue aberração sacrificar o essencial em favor do secundario, a arma principal em beneficio das outras — suas auxiliares.

Em Maio de 1915 a infantaria francesa contava 72 % do effectivo total dos combatentes e a artilharia 18,5 %. Em Outubro de 1918 ella dispõe de 50 % e a artilharia 35 %; ou seja, em 100 combatentes ha 50 infantes e 35 artilheiros. Dias de batalha houve em que o numero de artilheiros em linha era superior infantes e isso tem levado alguns espiritos a pedirem ainda a redução da infantaria de modo a alcançar a relação 1|1 para com o numero de artilheiros.

E' certo que a infantaria vê com prazer aumentar, no

momento do combate, o numero de canhões que a apoiam, mas ha um limite que não deve ser ultrapassado. Este deve estar muito aquém de 1|1, pois; não é admissivel que se reduza a infantaria a um numero de batalhões que não são bastantes nem para assegurar a protecção das armas de material. Além disso é necessario não esquecer que a infantaria se gasta com rapidez extraordinaria e que por isso exige substituições constantes e incessantes renovações de quadros e effectivos.

Qualquer que seja a potencia do material, a victoria pertencerá sempre ao adversario que possuir a melhor infantaria; infantaria que occupe o papel preponderante que lhe cabe, dotada de todos os meios materiaes, capazes de fazerem-na forte, audaciosa sem temeridade, confiante em si mesma e nas proprias acções; infantaria para a qual trabalharão as outras armas em collaboração intima e que atinja em certas phases da batalha, até a subordinação.

Se a conducta da guerra moderna exige de algum modo a industrialização, esta não deve arrastar a disproporção entre as forças materiaes e as moraes, a uma subordinação das virtudes propriamente militares ás qualidades technicas.

A guerra não é uma industria em mãos de engenheiros; é luta entre homens, em que o homem tira o melhor proveito da força do material, mas em que finalmente continuam em primeiro plano as qualidades que sempre caracterizarem o guerreiro, qualidades intellectuaes e principalmente qualidades moraes.

Estas qualidades são inherentes á raça e por isso pôde se dizer *que o povo tem a infantaria que merece*.

Certamente estas qualidades só serão fecundas se se apoiarem em concepção racional do combate e technica intelligente.

Mas em ultima analyse, o factor moral será sempre preponderante: para vencer o adversario, para expulsa-lo das posições, será preciso saltar-lhe á garganta e como dizia TURENNE "ir até elle".

Por trás da machina, como da trincheira haverá amanhã como ontem, corações de homens e é de sua virtude que dependerá a victoria.

Composição das Divisões Argentinas

AS 5 Divisões Argentinas tem composição distincta; por isso, em vez de indicar uma composição typo, indicamos ao contrario, com pormenor, cada divisão:

1.ª Divisão:

- 3 R.I. (2 Btls. — 1 Cia. Mtr. e 1 secção de communicações).
- 1 Bia. de acompanhamento (Krupp 75 mth.).
- 1 R. C. de 4 esq.
- 1 R. A. misto (2 G. de 2 Bias. M. e 1 Bia. obuses).
- 1 Btl. de sapadores pontoneiros (2 Cias. de pontoneiros e um trem de pontes).
- 1 Unidade de Parque e Trens.

2.ª Divisão:

- 3 R.I. (composição analoga).
- 1 Bia. acompanhamento 75 Krupp. Mth.
- 1 Esq. C. (destacado da C.I.).
- 1 Regimento misto de Artilharia.
- 1 Btl. de sapadores-pontoneiros.
- 1 Regimento de infantaria montado.
- 1 Unidade de Parque e Trens.

3.ª Divisão:

- 3 R.I.
- 1 Bia. acompanhamento.
- 1 R.C.
- 1 Regimento misto de Artilharia.
- 1 Btl. de sapadores-pontoneiros.
- 1 Regimento de infantaria montado.
- 1 Unidade de Parques e Trens.

4.ª Divisão:

- 3 R.I.
- 1 Bia. de acompanhamento.
- 1 Esq. C. (destacado da C.I.).
- 1 R.A.M. 75.
- 1 Btl. sapadores-pontoneiros.
- 1 destacamento misto de montanha (um Regimento de Caçadores — 2 Bias. A. Mth.).
- 1 Unidade de Parque e Trens.

5.ª Divisão:

- 3 R.I.
- 1 Bia. acompanhamento.
- 1 R.C.D.
- 1 R.A.M.
- 1 Btl. de sapadores-pontoneiros.
- 1 destacamento misto de Mth.
- 1 Unidade Parque e Trens.

Brigada de Cavallaria:

2.ª Brigada

- 2 R.C.I. (um R.C. de 4 esq. e 1 de 3).
- 1 esquadrão de metralhadoras sobre rodas.
- 1 G.A.C. (2 Bias.).
- 1 secção sapadores-pontoneiros montada.

3.ª Brigada

- 3 R.C.I. de 3 esq.

Os outros elementos como na 2.ª Bda.

4.ª Brigada

- 3 R.C.I. (1 R.C. de 4 esq. e 1 de 3).

Os outros elementos como na 2.ª Bda.

O effectivo das Divisões oscilla em:

Tropa	3.500 a 4.000
Solipedes	2.000 a 2.800
Canhões	24 a 36
O effectivo das Bdas:	
Tropa	1.300
Solipedes	1.600
Canhões	8
Metralhadoras	4

O VALOR DAS BÔAS MEDIDAS

O VOLUME consideravel de cousas a realizar para construir a obra da defesa nacional, faz com que se obscureçam certas medidas de reconstrucção, já iniciadas com successo. Quem vir apenas o que falta a fazer terá talvez a impressão desagradavel de que o tempo tem sido até agora inteiramente perdido. Mas um balanço ponderado faz resaltar um saldo visível e extremamente valioso.

Confessamos que todos desejavamos resultados mais incisivos, energicos e apressados porque todos que estamos fóra da scena, na platéa, não encontramos obices ao pensamento e á imaginação. Um instante de repouso e de realidade, porém, faz vêr nitidamente o que foi já obtido neste anno de labor. Procuraremos, apenas, salientar o phenomeno principal que é esta atmosphera de incertezas e duvidas em que viviamos achar-se dissipada.

Até aqui ninguém dava credito ás medidas severas, muitas e muitas vezes, annunciadas com fragor, porque todos estavam habituados á sua pequena duração ou sabiamos todos quaes personalidades ou personagens indirectamente visavam ellas. Não se conheciam normas; e o acaso campeava livremente em nossos destinos creando odiosidades, e injustiças e valorizando e estimulando o *pistolão*.

O *credito moral* não facilitava a vida de ninguém e antes parecia prejudicar pela difficuldade natural de accomodação; e, não raro, as maiores evidencias e predominancias officiaes eram concedidas áquelles mal afamados nos bastidores e até no publico.

Os corpos fóra do Rio de Janeiro viviam a mingua de officiaes emquanto as *repartições* estavam *super lotadas* e as fronteiras, a bem dizer ficavam abandonadas.

Estados maiores havia, e ainda os ha, que se restringiam ao expediente e a trabalhos esparsos, e sem coordenação efficiente, porque suas secções ou não tinham serventuarios necessarios ou eram apenas preenchidas por officiaes sem os bons requisitos regulamentares.

E' confortavel, portanto, verificarmos agora como se definem já, com traços nitidos e fortes, sympto-

mas evidentes de ordem, fazendo renascer, como das proprias cinzas, a *confiança* e creando uma atmosphera confortavelmente respiravel.

Desgostos ainda ha, sem duvida, mas entre os não satisfeitos mesmo, em suas pretensões e desejos, muitas vezes logicos e legitimos, não se sente mais aspecto de revolta e odor de indignação até ha pouco tão communs.

A inflexibilidade seguida — a partir do escalão ministerio — tem certamente alguns inconvenientes e tem mesmo produzido alguns desarranjos reais, mas é preciso confessar que é legitima, encontrando apoio firme, o absolutismo com que têm sido seguidas certas regras annunciadas, na necessidade de não deixar brêcha aberta por onde a penetre o *espirito nacional*.

Dada a organização actual de nossas repartições e o *sentimentalismo das informações*, seria impossivel á autoridade discernir onde se acham as necessidades dignas de constituirem excepção á regra estabelecida de enviar os officiaes avulsos e os neopromovidos para os corpos, por exemplo. E tomamos este exemplo como o mais caracteristico dos acontecimentos da nova phase e que podem ser levados a conta de saldo em nosso progredir.

Entre as excepções que devem ser legitimamente estabelecidas, estão os officiaes technicos e alguns outros, muito raros, que occupam lugares de difficil substituição.

Mas a verdadeira correcção destes inconvenientes só póde ser feita, quanto aos primeiros, depois da criação dos quadros technicos e, quanto aos outros, depois que a mentalidade geral fôr capaz de não vêr aí favores pessoais somente.

E' para nós um verdadeiro conforto verificar o bom resultado já obtido e sentirmo-nos autorizados a almejar, para o proximo anno, o *desenvolvimento desta ordem já firme e inexoravelmente estabelecida*.

Entretanto, para o maior exito certas providencias fazem-se complementares. Entre tais avultam o pagamento das guarnições longiquas em dia e o da ajuda de custo que a lei concêde, para que não tome o character de castigo individual e injusto a exigencia

que todos comprehendem e applaudiriam, sem estas restricções naturais.

Por outro lado, a actuação precisa ser elevada além dos officiaes *avulsos e neopromovidos* fazendo-se uma revisão na situação dos quadros em geral de modo que ninguém escape de *fazer no corpo, em cada posto* um tempo determinado de EXERCICIO DO COMMANDO correspondente ao seu gráu na hierarchia.

Ha um minimo natural para nós admissivel: — o correspondente ao anno de instrucção.

Para corrigir completamente estes velhos erros seria preciso tornar condição imprescindivel para a promoção por merecimento, a satisfação de um tempo minimo de arregimentação, a semelhança do que se faz na *Marinha* com o *embarque*.

Esse feittio é mais vantajoso que a escola obrigatoria — *a fortiori* — de todos para o serviço arregimentado. Não desorganiza os serviços, as vezes de um modo pouco oportuno e permite aos officiaes que não aspiram á carreira menos morosa, jazerem em suas repartições.

Mas onde a falta de observancia de uma tal regra, severa, se faz sentir é no quadro de officiaes de E. M. que alguns ha sem serviço arregimentado (*exercício do commando*) ha varios annos. Dada a mentalidade normal no official de E.M., deve uma semelhante anomalia causar-lhes profundos e amargos dissaborés.

Por outro lado, certos officiaes de E.M. vivem nos corpos maior tempo que nos E.M., e alguns muitos annos a fio, não obstante quasi todos os E.M. acharem-se desprovidos de 50 % ou mais de seus officiaes. Quer isto dizer que, enquanto aquelles officiaes perdem o habito do trabalho e do trato das questões que são proprias aos E.M., estes ficam impossibilitados de produzir mais que trabalhos de expediente ou trabalhos esparsos e isentos de systematização, a que acima nos referimos.

E' possivel que, dado o vulto destas questões, talvez a esta hora estejam ellas resolvidas, previsão que fazemos autorizados pela logica dos factos. Mas se isto se der, tanto melhor.

AS MANOBRAS E EXERCÍCIOS NO TERRENO

NÃO obstante o aspecto ainda precário de que se reveste, podemos felizmente com prazer verificar, que o systema unico de bôa instrução dos quadros e da tropa pelo trato de casos concretos lidados no terreno, acaba de ser louvavelmente retomado este anno.

Os chefes que os conseguiram realisar, demonstrando assim sua tenacidade e bôa orientação, merecem incontestavelmente a gratidão geral.

As falhas, porém, que estes trabalhos encerram e o esforço pessoal que é preciso despendar para realizá-los, mesmo imperfeita e incompletamente, bem demonstram como estamos ainda longe da normalidade desejavel.

Longe vemos o momento em que, como na Argentina, poderemos levar ao campo um bello effectivo de cerca de 30.000 homens pondo em actividade bem proxima da realidade os nossos E. M. e serviços, que assim treinariam e adquiririam confiança em si mesmos em caso de guerra.

Seria cediço virmos aqui resaltar a verdadeira importancia que têm taes exercicios com effectivos de guerra na educação guerreira dos E. M., dos órgãos de serviços e da propria tropa. E' materia regularmentar muito clara e explicita, mas parece util sempre recordar esta importancia porque até hoje não tentamos sequer a bem dizer, attingir um estado de instrução conveniente pelas bôas praticas regulamentares. A *manobra com tropa em effectivos de guerra* põe em evidencia o estado real de funcionamento dos órgãos de commando, dos serviços, do material, etc., não encobrindo imperfeições, pelos maus effectos immediatos e palpaveis, que desapparecem ou ficam inapercebiveis, nos exercicios de quadros, mesmo no terreno.

A 1.ª Região Militar ajeitando suas possibilidades e recursos, insiste sabiamente na pratica das manobras com tropa convenientemente orientadas, sendo de lastimar, porém, nenhuma incorporação de reservistas se haja feito e que não tenham sido, ao menos como assistentes, convocados os officiaes de reserva. E' notadamente util para a efficiencia das reservas uma tal convocação, não só para seu preparo technico como para habituá-los a ser *convocados*. Sem este habito de convocações periodicas, as reservas afrouxam suas ligações com o Exercito e uma mobilização eventual será enormemente difficultada. No que diz respeito aos officiaes de reserva então é a importancia muito maior e sua ausencia das manobras quebra o fio da orientação que começou a ser traçada com sua distribuição pelos corpos e as recommendações opportunas do comt. da 1.ª R. M.

Em resumo, devemos além disso ainda lastimar que os effectivos tenham sido extremamente reduzidos; os serviços não tenham funcionado como na guerra (mesmos os interiores dos corpos inclusive os TC e TE); e sobretudo, que tenham os exercicios da 1.ª R. M. ficado ainda sem imitadores, que é a falta mais grave.

A causa da restricção destes exercicios á 1.ª R. M. é publicamente considerada como produzida pela escassez de meios. Vê-se bem a realidade dessa pobreza pelo que se passa na 1.ª R. M.

Mas os meios não devem ser escassos para que as outras regiões não cumpram o R. I. Q. T. levando a instrução, ao menos até os exercicios de quadros, o que se não justifica legitimamente.

E' verdade que faltam sobretudo os meios de ligações e transmissões e is-

so parece evidente pelo caracter de *pau para toda obra* dado á 1.ª Cia. Trans. Desde 1920 que essa operosa Cia. Trans. vem sendo o unico elemento *contavel*, e *contado* de facto, para os problemas de ligações e transmissões.

Ora, a importancia dessa questão não só na guerra, como para a instrução dos quadros em tempo de paz, e o preço relativamente barato que custaria uma optima organização nesse sentido, tornam injustificaveis e incompreensiveis as faltas actuaes.

De resto, verificado que o pessoal da 1.ª Cia. de Trns. tem sido renovado zec, nada justifica, nem mesmo a falta de pessoal capaz, que as outras Cias. de Trns. não hajam ainda sido organizadas, poupando-se d'ess'arte as longos e fatigosos passeios da 1.ª Cia. Trns.

Organizadas as Cias. de Trns. e os respectivos serviços nos corpos de tropa não mais se justificaria facilmente a ausencia de trabalhos para instrução dos quadros nas outras zonas fóra do alcance e da capacidade de trabalho da 1.ª Cia. de Trns.

Fazendo votos para que se removam de vez estes inconvenientes que prejudicam uma necessaria *démarra*ge para o bom trabalho, assinalemos com prazer que este anno, com elementos do Rio de Janeiro, já houve três bons exercicios no terreno: a viagem de E. M. a Itú, a manobra com tropa da 1.ª R. M. e a manobra de quadros de Exercito na região de Campinas.

Para o que deveria ser, falta muito, mas é já alguma cousa — continuemos esperando, esperançosos...

Esta nota deixou de sair em nosso numero de Novembro, por falta de espaço. — N. da R.

Artilheiro sem canhão - nobre pobre

A NOBREZA para ser espontanea, implica, antes de tudo, em attitudes de tal gravidade e circumspecção, que só habitos e situações de conforto material, de ambiente largo, franco e luxuoso — pôdem imprimir e conservar. Por essa razão, não é possível levar a serio um nobre pobre. Um "alta linhagem" cavador de empregos, humilde, chapéu na mão, mesquinho, embrulhado numa roupa disforme, suja, a espera que o attendam e que o acceitem é profundamente grotesco. Para este homem quer-se expontaneidade; facilidades de expressão; liberdade de movimentos — belleza de porte, e acima de tudo, a despreocupação da vida material, dessa cousa abjecta que se chama o vendeiro, o bonde, o emprego publico.

Ora artilheiro sem canhão; artilheiro sem projectis, vivendo de numeros; enamorando-se de trajetórias theoricar, não é outra cousa que esse ingenuo nobre — sonhador de palacios e morador de "avenida".

Que vale a potencia de fogo de sua artilharia se ella é subconsciente?; se ella acaba com o lapis e só toma forma concreta nas visões do gabinete e não se exterioriza; não se materializa; não se faz tangivel?

Aqui termina o que se pôde dizer do artilheiro. Ao nobre poder-se-ia acrescentar que entre ser pobre e continuar "nobre" só ha um meio digno — desaparecer de todo.

Tactica na carta

Uma solução do 2.º thema de Tactica Geral sobre a 1.ª D. I. Verde.

Cap. Heitor Bustamente

Segunda Parte: o ataque aos P.A. do inimigo.

As 3 divisões do 1.º Ex. Verde 1.ª D.C., 1.ª e 5.ª D.I. vão atacar na manhã de 22 de Abril os P.A. do inimigo, para chegar em boas condições ao contacto da sua posição de resistencia que só será atacada posteriormente, assim diz a Ordem Preparatoria do Ex. recebida pelo Gen. Cmt. da 1.ª D.I. ás 16h.45 do dia 21. Tal é o resumo da missão das 3 divisões, constante do paragrapho I. da Ordem Preparatoria assim de um modo indistincto, que vae nos servir para o estudo da situação, pois que a Ordem Geral de Operações que certamente regulou de modo um pouco mais detalhado a missão de cada divisão não chegou ao P.C. da 1.ª D.I. até ás 22 horas, o thema d'ella abstraher no estudo a fazer pelo Gen. Cmt. desta divisão. Este Cmt. que não pôde ficar inactivo, á espera da Ordem Geral, deve iniciar tal estudo desde o recebimento da Ordem Preparatoria, pois esta contém indicações sufficientes para que elle tome as suas decisões, as quaes poderão ser, eventualmente, ligeiramente modificadas, se a Ordem Geral tambem modificar ligeiramente as determinações da Ordem Preparatorias, o que não acontece communmente e não é o nosso caso, pois se assim fosse o thema consignaria tal facto. Devemos recordar-nos que a Ordem Preparatoria consigna em detalhe apenas a missão da 1.ª D.C., o que no caso constitue informação valiosa para o estudo a fazer pelo Cmt. da 1.ª D.I..

A idéa expressa na Ordem Preparatoria de que as 3 divisões vão atacar a 22 P.A. do inimigo é uma idéa justa, com a qual, no que lhe toca, está de perfeito accôrdo o Gen. Cmt. da 1.ª D.I., e não falamos nos outros dois Generaes porque somente encarnamos no momento a personalidade do Cmt. da D.I. da direita. Com effeito:

As informações a respeito do dispositivo geral do inimigo que occupa actualmente a região N. de JAHU'-DOIS CORREGOS e mais a E., colhidas principalmente pela aviação e suppostas bem conhecidas do Gen. Cmt. do Ex. e Generaes Cmts. de divisões, se bem que ainda insufficientes sob o ponto de vista do amplo conhecimento que é necessario ter de um dispositivo que vae ser atacado, fazem crêr com segurança que a verdadeira resistencia do inimigo está sendo installada no planalto ao N. de JAHU', nas elevações immediatamente ao N. de FAZ. PACHECO, I. CESARIO e FAZ. MATTAO, planalto N. de MACACO, etc.; pelo que as resistencias que immobilizaram na jornada de 21 as vgs. da 1.ª D.C., 1.ª e 5.ª D.I. na linha geral RIB. POUSO ALEGRE-FAZ. MORUNGAVA-FAZ. BOA VISTA-LUIS PAIXÃO — encostas N.O. de FAZ. BELLA VISTA — N. de FAZ. BELLA VISTA-FAZ. DA SERRA — encostas O. de BARREIRO, etc., não podem ser senão resistencias de P.A., ao menos no que respeita as regiões em frente aos dois flancos da 1.ª D.I. e regiões que lhes ficam immediatamente adjacentes, pelas razões que passa-

mos a expôr; nesta indagação da natureza das resistencias inimigas assinaladas no contacto restringimo-nos á frente limitada a E. pelo espigão ao sul de FAZ. DA SERRA e a O. pela grande garupa a S.O. de FAZ. MORUNGAVA por onde passa a grande estrada JAHU'-POUSO ALEGRE DE CIMA, porque é justamente nessa frente que se vão dar a 22 os ataques das 3 divisões, apenas fóra disto a 1.ª D.C. edvendo realizar uma operação secundaria na região de FAZ. MANDAGUAHY. Se nos collocarmos no papel do Gen. Cmt. da 1.ª D.I., cujo estudo acerca da situação e possibilidades do inimigo pôde tomar a amplitude bastante para abranger a frente geral de ataque a 22 pois que a frente de ataque da D.I. é a mais extensa e ligada nos flancos ás frentes de ataque restrictas das divisões vizinhas, tres hypotheses podemos formular acerca do dispositivo defensivo do inimigo que se antepõe á divisão:

1.ª — a D.I. está em face de uma posição de P.A. ainda mal constituida, cuja linha de resistencia é balizada pela linha descontinua de trincheiras sem rêdes de arame, assinalada pela aviação na frente cóllo ao sul de FAZ. MORUNGAVA — encostas immediatamente sul de PAIXÕES — crista 2 klms. S.E. de LUIS PAIXÃO — a meio caminho entre FAZ. SANT'ANNA e FIGUEIRA a cavalleiro da estrada, etc., etc. (vêr o thema); assim sendo, deve-se tambem admittir haja uma 2.ª posição inimiga e retaguarda da posição de P.A., localizada na região das elevações e planaltos immediatamente ao N. da FAZ. PACHECO, I. CESARIO e FAZ. MATTAO, pois tambem a aviação ahi assinalou linhas successivas de trincheiras, das quaes a principal, na orla N., é continua e coberta de rêdes de arame em alguns pontos;

2.ª — o inimigo tem uma posição unica, na alludida região de elevações e planaltos, linha de resistencia na orla N. estabelecida com a protecção de defesas accessorias; a linha de vigilancia dessa posição, lançada bem á frente, foi reforçada constituindo P.A., com os quaes a 1.ª D.I. está actualmente em contacto;

3.ª — a posição do inimigo é unica e está escalonada entre a linha actual do contacto, que constitue a orla exterior da posição, e as linhas de trincheiras notadas bem mais a retaguarda; nestas condições deve haver resistencias collocadas de permeio, sobre as quaes entretanto a aviação não forneceu nenhum indicio.

Ora; uma posição é um conjunto de resistencias que apresenta um certo escalonamento em profundidade que normalmente se aproxima de 2 klms; este algarismo que não é dada aqui para servir de marco fixo quando se tratar de organização do terreno, representa comtudo uma boa indicação que se deve ter em conta. Toda posição é precedida de um escalão chamado de VIGILANCIA, e a distancia entre o escalão de vigilancia e o 1.º es-

calão de resistencia que só o terreno e a situação impoem, pôde levar o escalonamento completo de uma posição a profundidades muito variaveis acima dos 2 kyms.; entretanto é bom repetir, a profundidade no escalonamento total dos órgãos vitaes é da ordem dos 2 klms. em media.

Dentro desta noção e de posse das valiosas informações que temos sobre o inimigo são razoaveis todas as hypotheses que acabamos de formular? Não; ou pelo menos o grão de razoabilidade é muito mais accentuado em uma d'ellas, na 2.^a hypothese, que nas outras duas que o apresentam quasi nullo.

Effectivamente; analysemos a 1.^a hypothese. Se o inimigo não continuou a sua offensiva além das regiões alcançadas até o momento e aguardou os verdes em attitude defensiva é, parece, porque não tem ainda os meios que julga sufficientes ou indispensaveis, e além disso quer conservar a posse do terreno conquistado; e assim não deveria ter cogitado de organizar duas posições em frente tão extensa, tal como a que vae do meridiano de FAZ. RIB. BONITO, por exemplo, até o grande espigão a O. de BARREIRO. Mais: na região da supposta posição de P.A. do inimigo a aviação verde apenas assinalou uma unica linha de trincheiras, descontínua e sem rédes de arame. Ainda mais; mesmo que se quisesse suppôr que a aviação verde não pôde vêr convenientemente o terreno occupado pelo inimigo, porque a isto se oppusessem ou a sua propria aviação ou condições desfavoraveis de tempo, o que tudo é admissivel, para chegar á conclusão de ter o inimigo duas posições face á 1.^a D.I., é preciso chegar ao absurdo de ter elle installado duas posições quasi sem distancia intermediaria, quasi em seguimento uma da outra, confundindo-se mesmo na região do centro, pois é principio consagrado que uma 2.^a posição deve estar decididamente fóra do alcance da art. do inimigo que toma o seu dispositivo para atacar a 1.^a posição. Deste modo eliminada a 1.^a hypothese, fica a 3.^a pouco provavel, pois comquanto não saibamos como foram obtidas as informações da aviação verde, é possivel que o tenham sido mediante reconhecimentos photographicos ou mesmo reconhecimentos á vista muito repetidos, em summa é difficil tenham escapado á sua indagação quaesquer resistencias inimigas intercalladas entre a linha descontínua de trincheiras da frente e as linhas successivas da retaguarda.

Resta em consequencia a 2.^a hypothese, que parece-nos a mais razoavel, a unica aceitavel; ella se fixou em definitiva no espirito do Gen. Cmt. do Ex., servirá de base ao estudo da situação a fazer pelo Gen. Cmt. da 1.^a D.I. Ella se estriba mais em razões de procedimento intelligente do inimigo, que para localizar os órgãos essenciaes da sua posição unica certamente escolheria a melhor região, tal como a da linha de alturas e planaltos ao sul de PAIXÕES-FIGUEIRA.

As decisões do Gen. Cmt. da 1.^a D.I., repito, vão ter como base a 2.^a hypothese acerca do dispositivo do inimigo, isto é, o Gen. está na convicção de que a sua D.I. vae atacar a 22 o escalão de resistencia dos P.A. do inimigo; se assim não fôr, se o inimigo apresentar-se de outro modo, correspondendo o seu dispositivo a verificação da 3.^a hypothese por exemplo, o que é muito pouco provavel, é certo que as operações da divisão podem não correr como se espera, e novas decisões deverão ser

tomadas; mas isto corresponde a uma nova situação, um novo thema, sahindo inteiramente fóra das circumstancias do caso actual.

No estudo anterior havíamos deixado ás 17h.10' do dia 21 approvada, mandada imprimir e distribuir a 1.^a Parte da Ordem de Estacionamento na noite de 21|22; quanto á 2.^a Parte da Ordem, ella foi confeccionada no Q.G. e mandada distribuir em seguida aos órgãos dos serviços da divisão. A respeito do ataque de 22 o Gen. Cmt. da D.I. havia deliberado dar uma Ordem Preparatoria até ás 18 horas, emquanto que a Ordem Geral de Operações poderia, sem grande prejuizo, sair um pouco mais tarde. Mas tanto a Ordem Preparatoria quanto a Ordem Geral de Operações dependem das decisões do commando que vão ser tomadas; estas por sua vez dependem do estudo da situação. Vamos fazer este estudo.

A 1.^a D.I. vae atacar na manhã do dia seguinte; o que? Como? D'ai a necessidade de fixar:

os objectivos a alcançar;

os meios e o dispositivo a empregar;

a successão dos esforços;

as missões dos elementos que cooperarão em 2.^o plano.

Quando tudo estiver deliberado, teremos fixado a manobra a realizar, tomando todas decisões relativas, incluídas as que affectam os elementos que vão cooperar em 2.^o plano. Deentre as decisões, ha sempre uma de ordem mais geral, de character mais amplo, que constitue como que a synthese do plano da manobra ou das operações a effectuar; é a decisão principal, que deve poder ser communicada aos Cmts. dos escalões immediatos sob a forma simples de Ordem Preparatoria ou de Ordem Particular. Ella não desce a detalhes e por isto pode ser tomada e transmitida dentro de curto lapso de tempo. As demais decisões, as que fixam com detalhes as tarefas ou missões dos escalões subordinados, estas succedem a decisão principal e constituem a base na redacção das ordens de operações. Como a D.I. vae atacar P.A. do inimigo, podemos desde já frisar as characteristics que fazem a differença entre ataques a P.A. e ataques a uma posição organizada.

A noção corrente de que o partido que se colloca na defensiva estabelece P.A. para resistirem normalmente de modo muito limitado, mas dispõe-se a resistir a fundo na posição de resistencia, oriunda esta noção do principio que assevera que **DIVIDIR-SE PARA COMBATER POR PARTES, E DESEJAR SER BATIDO PARCELLADAMENTE**, conduz ás seguintes conclusões:

No ataque a uma posição de resistencia, esforço maximo; d'ai ataque a frente continua embora restricta, mas ataque cerrado, com meios unidos, os flancos cobertos, d'onde grande dispendio de Inf., a maxima cooperação da artilharia;

nos ataques a P.A., embora em larga frente, empregar meios reduzidos em Inf., forçar o successo com o emprego de toda a art. disponivel; a Inf. se gasta e não se substitue com facilidade; para a art. ha a questão da munição, muitissimo seria, mas que sob o ponto de vista da applicação dos principios geraes, não é o que nos interessa no momento.

O que acabamos de afirmar acerca dos ataques a P.A., de qualquer modo uma applicação do principio da ECONOMIA DAS FORÇAS, que dicta que OS MEIOS DEVEM SER PROPORCIONADOS A'S MISSÕES, não nega o principio que acabamos de citar um pouco atrás, porque se em taes ataques apenas se proporcionam meios reduzidos em Inf., é para vencer resistencias que preconcebidamente se suppoem tambem fracas; mas o Chefe tendo em mão o conjunto das suas forças, dispõe das suas reservas para impôr com oportunidade a sua vontade, se o inimigo resiste de modo differente do que foi imaginado; não ha propriamente, em consequencia, acção parcellada de forças, com actualiação de metade e exclusão da outra metade, por exemplo; mas sim inicialmente acção proporcionada a uma determinada resistencia do inimigo, o que não exclue a idéa do emprego opportuno do conjunto se isto se fizer necessario; mas não é o mesmo caso de na defensiva constituir 2 posições, cada uma com metade das forças existentes, o que pôde conduzir á fraqueza em toda a parte, d'ai a derrota.

A necessidade, nos ataques a P.A., de empregar meios reduzidos em Inf., faz nascer a idéa de ataque a pontos ou regiões capitaes do terreno, cuja posse deve obrigar o inimigo a abandonar os pontos intermediários, sujeitos ao commandamento dos pontos ou regiões capitaes.

Firmadas estas noções passemos á indicação dos objectivos do ataque de 22. Como o ataque dos P.A. visa ganhar a base de partida necessaria ao ataque da posição de resistencia, a indicação dos objectivos vae depender do estudo do terreno sob o ponto de vista do ataque á posição de resistencia do inimigo.

ESTUDO DO TERRENO SOB O PONTO DE VISTA DO ATAQUE A' POSIÇÃO DE RESISTENCIA; OBJECTIVOS DO ATAQUE DE 22.

A linha de resistencia da posição de resistencia do inimigo parece ter sido installada, dentro da zona de acção da 1.^a D.I., na seguinte linha geral: crista N. do mamilão 675 ao sul de FAZ. S. CRUZ — crista N. da região que se estende desde S.E. de J. B. DE FREITAS para E. até crista ou orla N. do planalto central (N. O. de FAZ. MATÃO) — orla N. do grande planalto a S.O. de FIGUEIRA até a região do estrangulamento 2 klms. sul do mamilão de FIGUEIRA (onde passa o limite E. da zona de acção da D.I.).

A chave da região em que se localiza a posição de resistencia é sem duvida a região do planalto central, N. e N.O. de FAZ. MATTÃO; conquistado esse planalto, que é um nó topographico, o inimigo estará em más condições para continuar a resistir no grande planalto mais a E., a N.E. de MATTÃO. Ora:

Para atttingir o planalto central, é preciso atacar pelas garupas que de N. e N.O. convergem na sua parte N. e para isto é necessario partir das regiões sul de PAIXÕES e S.E. de LUIS PAIXÃO. Mas, mesmo que se tome pé na orla N. desse planalto central, se para obrigar o inimigo a abandonar o grande planalto a N.E. de MATTÃO será necessario atacar de N.O. para S.E. partindo do planalto central, e de N.E. para S.O. partindo do mamilão de FIGUEIRA, vê-se claramente então que os principaes objectivos no ataque aos P.A., que constituirão a base de partida no ataque á posição de resistencia, são os seguintes:

o mamilão de FIGUEIRA,

o pequeno planalto e cóllo 2 klms. S.E. de LUIS PAIXÃO,

a garupa a E. de FAZ S. FRANCISCO DE PAULA. Comtudo, ha ainda um facto importante a salientar; é a necessidade de poderem ligar-se intimamente os dispositivos finais da 1.^a D.I. e 1.^a D.C., visto como esta ultima deve apoderar-se da grande garupa a S.O. de FAZ MORUNGAVA e não deve existir entre ellas e a 1.^a D.I. um grande vazio; e isto significa mais summariamente que a grande garupa ao N. de FAZ. NOVA LUSITANA é tambem objectivo indispensavel da 1.^a D.I. no ataque de 22. É mesmo facil de comprehender a necessidade de uma ligação intima a 22 entre as duas divisões; se por um lado o ataque da 1.^a D.C. pôde facilitar á 1.^a D.I. uma manobra sobre a região de PAIXÕES, dada a imprescindibilidade, como veremos d'aqui ha pouco, de posse inicial por parte da 1.^a D.I. da região do cóllo ao sul de FAZ. MORUNGAVA, a partir da qual ella pôde actuar sobre a região de PAIXÕES a coberto da grande crista, por outro lado torna-se de capital importancia para ataque eventual ulterior da D.C. na direcção de JAHU, quando ella já estiver de posse da grande garupa, um ataque simultaneo da 1.^a D.I. ao mamilão 675 ao sul de FAZ. S. CRUZ; tudo indica portanto que a 1.^a D.C. e a 1.^a D.I. devem dar solidamente as mãos nos seus los. ataques, pelo que deve ser prevista, combinada e executada essa ligação intima; mas á esq. com a 5.^a D.I., as necessidades de ligação não são por emquanto tão prementes; a 5.^a D.I. deve fazer o seu esforço ao longo do grande espigão, transversalmente ao qual o inimigo pôde apresentar resistencia successivas, mas a frente de ataque é muito reduzida, ella não sentirá certamente a necessidade do auxilio do visinho; a 1.^a D.I. não deve embrenhar-se no valle do RIB. FIGUEIRA, seu interesse maximo d'esse lado, por emquanto, é apoderar-se do grande mamilão, o que ella deverá fazer sem o soccorro da 5.^a D.I.

Fixados os objectivos, passemos ao ESTUDO SUCCINCTO DO DISPOSITIVO e MEIOS A EMPREGAR.

Uma 1.^a idéa relativa á decisão principal, consequente á designação dos objectivos, é a da necessidade de ter de actuar a divisão ainda por Bdas. juxtapostas, separadas pelo valle do RIB. FIGUEIRA VERMELHA.

O estudo que vamos fazer accarreta o estudo do terreno sob o ponto de vista das possibilidades e facilidades de attingir os objectivos fixados. Recorrendo á carta para conhecer embora muito imperfeitamente o aspecto geral do terreno, vemos que os objectivos do ataque estão distribuidos irregularmente por toda a frente da divisão.

A E. do RIB. FIGUEIRA VERMELHA está o mamilão de FIGUEIRA; para attingi-lo, atacando, a carta indica o unico caminho accetavel: faze-lo simultaneamente pelo espigão a O. de FAZ. BELLA VISTA e pela garupa ao sul da mesma Fazenda; isto conduz a admittir uma necessidade de 3 Btls. para o ataque, 2 actuando em primeiro escalão; pôde-se pensar desde já em affectar a cada Btl. em primeiro escalão um Gr. de apoio directo, deixando-se porém com o Cmt. do ataque as 2 Bias. de Mth. para o acomp. immediato.

A O. do RIB. FIGUEIRA VERMELHA os 3 objectivos fixados estão distribuidos quasi symetricamente numa frente de 8 kms. aproximadamente.

Dada a extensão da frente e o n.º de objectivos, vê-se logo que o centro de gravidade do ataque geral da D.I. deve ser deslocado para o lado da 2.ª Bda.; ha ainda a notar que, se os 2 primeiros objectivos estão á mesma altura, proximos, e em situação que bem indica esforços ligados e simultaneos para os attingir, o 3.º objectivo é o mais affastado, excentrico, portanto um objectivo posterior.

O que acaba de ser dito e o conhecimenot do dispositivo da D.I. em fim de jornada, levam o Gen. a firmar desde logo um 2.º ponto essencial da sua idéa de manobra: realizar, no dia, a operação principal com a Bda. da direita.

Entremos agora um pouco no detalhe das operações que podem ser indicadas para a posse dos objectivos a O. do RIB. FIGUEIRA VERMELHA. Para attingir o pequeno planalto e collo 2 kms. a S.E. de LUIS PAIXÃO, e a garupa a E. de FAZ. S. FRANCISCO DE PAULA, que são dois objectivos a serem atacados simultaneamente, deve-se partir com os ataques respectivamente da pequena crista logo a S.E. de LUIZ PAIXÃO e da região sul de PAIXÕES. Dado o dispositivo de contacto da vg., escalonado sensivelmente de N.O. para S.E., isto é, com a direita recuada, a esq. avançada, verifica-se que para atacar simultaneamente os dois objectivos citados, partindo da região sul de PAIXÕES e da crista a S.E. de LUIS PAIXÃO, é preciso em 1.º lugar tomar pé na região do cóllo 2 kms. O. de FAZ. BÔA VISTA, atacando para isto em ligação com a D.C. sobre a alludida região; em seguida visar a região sul de PAIXÕES e a crista logo a S.E. de LUIS PAIXÃO mediante dois ataques, o primeiro dos quaes, sobre a região sul de PAIXÕES, deve ser a combinação de 2 outros: um, de frente, partindo da região de FAZ. BÔA VISTA, outro de flanco, a coberto da crista, partindo da região do cóllo; o segundo, sobre a garupa immediatamente a S.E. de LUIS PAIXÃO, ataque directo partindo da região de LUIS PAIXÃO, e que não tem nenhuma necessidade de ser ligado ao primeiro.

Tudo isto lembra logo a idéa de seriar os ataques da 2.ª Bda. em tres ou quatro phases (digamos tres para simplificar) nitidamente indicadas no raciocinio que fizemos, e determina que a Bda. tenha inicialmente em 1.º escalão 3 Btls., um dos quaes occupando o lugar actual do grosso do 1.º R.C.D.; adicionando mais 1 Btl., inicialmente reserva do grupo de ataque, teremos ao todo uma necessidade de 4 Btls. para o esforço da 2.ª Bda.; como apoio de art. podem ser dados 3 Grs. de 75 ou 1 R.A.M., além disto continuando a disposição as 2 Bias. de Mth. para o acomp. immediato. Como os grupos de ataque constituem destacamentos mistos de certa importancia, é conveniente que cada um seja commandado pelo respectivo Gen. de Bda.

A occasião é agora propicia á interrupção momentanea do nosso raciocinio para procedermos a redacção da decisão principal ou idéa de manobra cujos elementos já possuímos todos. Ella pode ser escrita do seguinte modo:

“Atacar á hora 4 com as Bdas. juxtapostas, separadas pelo valle do RIB. FIGUEIRA VERMELHA, sem preparação de art. . Dois grupos de ataque que actuarão simultaneamente; á esq. (E.) 1 R.I. da 1.ª Bda., tendo como objectivo o mamelão de FIGUEIRA; á direita (D.) um grupo de 4 Btis. da 2.ª Bda., cujas operações serão desencadeadas em 3 phases, objectivos finaes o pequeno planalto e região do cóllo 2 kms. a S.E. de LUIS

PAIXÃO, a garupa a E. de FAZ. S. FRANCISCO DE PAULA, a grande garupa ao N. de FAZ. NOVA LUSITANA. O 1.º R.C.D. a substituir durante a noite por 1 Btl. do grupo de ataque da 2.ª Bda. Hora H — 7 horas.”

Recordando todas as considerações feitas até agora e descendo um pouco mais no detalhe das operações a 2d.ª Bda., podemos fazer o seguinte resumo das decisões mais urgentes do Gen. Cmt. da 1.ª D.I.:

1.º — Atacar ás 7 horas, com as Bdas. juxtapostas, limite entre as zonas de acção o RIB. FIGUEIRA VERMELHA. Dois grupos de ataque; á direita o Gen. Cmt. da 2.ª Bda. dispondo de 4 Btls. (3.º R.I. mais 1 Btl. do 4.º R.I.), dos quaes 3 inicialmente em 1.º escalão; apoio do ataque 3 Grs. de 75, acomp. immediato 2 Bias. de Mth.; á esq. o Gen. Cmt. da 1.ª Bda. dispondo de 1 R.I. (1.º R.I.) apoio do ataque 2 Grs. 75, acomp. immediato 2 Bias de Mth.

2.º — Objectivos.

2.ª Bda.:

1.º — região do cóllo 2 kms. O. de FAZ. BÔA VISTA;

2.º — região sul de PAIXÕES — garupa a S.E. de LUIS PAIXÃO;

2.º — garupa a E. de FAZ. S. FRANCISCO DE PAULA — cóllo e pequeno planalto a E.;

4.º — grande garupa ao N. de FAZ. NOVA LUSITANA.

1.ª Bda.: malilão de FIGUEIRA.

3.º — Phases do ataque da 2.ª Bda.

1.ª Phase: para a posse da região sul de PAIXÕES e crista immediatamente a S.E. de LUIS PAIXÃO:

a) uma ataque combinado com a D.C. sobre a região do cóllo ao sul de FAZ. MORUNGAVA: 1 Btl.

b) um ataque de um lado sobre a região de PAIXÕES (combinado), de outro sobre a garupa imediatamente a S.E. de LUIS PAIXÃO: 2 Btls., além dos elementos do ataque auxiliar de flanco.

2.ª Phase: para a posse da garupa a E. de FAZ. S. FRANCISCO DE PAULA e da região do pequeno planalto e cóllo a E.:

dois ataques simultaneos e de frente, dos 2 Btls. da letra b da 1.ª Phase, partindo dos objectivos conquistados.

3.ª Phase: para a posse da garupa ao N. de FAZ. NOVA LUSITANA: ataque de 1 Btl. reserva sobre o objectivo.

O Gen. Cmt. da D.I. desejando effectuar com a 2.ª Bda. uma manobra preconcebida, impõe nas ordens ao Cmt. do ataque os seguintes elementos, que podiam ser da iniciativa desse Cmt.: o n.º de Btls. a ter inicialmente em 1.º esalão, os objectivos successivos, as phases do ataque e o detalhe da sua realização.

Para completar o conjunto de decisões do Gen. Cmt. da D.I. devemos ainda fixar idéas sobre:

- a) emprego eventual ao amanhecer da reserva da D.I., e emprego eventual posterior;
- b) emprego no ataque do restante da art. da divisão;
- c) cooperação dos restantes elementos da divisão.

Veremos isto passando em revista, os differentes paragraphos da Ordem Geral de Operações.

A infantaria na Offensiva

Ensinaamentos adquiridos em revistas, livros franceses e aulas do Commandante Dumay (E. A. O.)

Pelo 1.º Tte. R. Jourdan

PARA a Infantaria, qualquer que seja o terreno, livre de obstaculos, summariamente ou fortemente organizado, *atacar* é sempre progredir de objectivo em objectivo na direcção assinalada.

No conjunto, o ataque consiste em levar a Infantaria de uma certa base de partida occupada, á uma outra base, de onde se partirá novamente.

A extensão dos lances successivos está em relação com as organizações inimigas existentes e a potencia do seu fogo.

A progressão só é possível se houver uma combinação perfeita de fogo e movimento.

Na *aproximação o movimento predomina*, nella a Infantaria *não atira*, a unica preocupação é ganhar terreno para frente (linhas successivas á atingir), numa determinada direcção (angulo de marcha, pontos importantes do terreno) por meio de uma disseminação tão completa quanto possível das unidades, formando-se pequenas columnas, que aproveitando ao maximo as vantagens que o terreno offerece, diminuem o mais possível os effeitos do fogo inimigo (Aviação, Artilharia, Metralhadora Pesada).

No ataque o *fogo predomina*, pois se as actuaes armas dão a Infantaria na defensiva um poder mortifero possante, capaz de deter ou de tornar difficil o avanço da tropa adversa, este avanço só será possível, quando o fogo da tropa que ataca for capaz de fazer calar o da defesa; daí ser o fogo o factor peponderante no ataque.

Para uma unidade avançar é preciso apoio de fogo, que destrua ou neutralize os órgãos da defesa inimiga, e isso se obtém quando a força atacante possui a superioridade de fogo.

Se o ataque de frente a um inimigo torna-se impossível, seja pelo seu fogo, seja pelo terreno ou por suas organizações, procura-se tomá-lo de flanco ou envolvê-lo, isto é, executa-se uma *manobra*.

Manobra "*é o fogo que se desloca*" e na Infantaria a unidade que realmente á pode executar é o Btl., cuja organização mista, isso permite: o fogo é dado pelas Mtrs. e Engenhos e o movimento pelas Cias. de Infantaria. Os primeiros (Mtrs. e Engs.) constituindo as BASES DE FOGO, deslocando-se por lances e por escalões, de posição em posição de tiro, ou de base em base de fogo, sempre promptas a apoiarem com seus fogos, por cima ou pelos intervallos, directamente ou obliquamente em relação a direcção de ataque, ás unidades que tenham por missão levar a effeito o ataque e o assalto.

No combate da Infantaria tudo é problema de fogo, isto é, a exploração da superioridade de fogo desde o inicio até o fim desejado, em cada compartimento de terreno.

Para avançar é preciso dominar o fogo adverso e ser o menos vulneravel possível, daí ser necessario ao atacante ter um fogo potente e efficaz,

apresentando as suas tropas o minimo de vulnerabilidade.

Para *dominar* o fogo adverso, é preciso conquistar a superioridade do fogo; para *avancar* é preciso manter essa superioridade e explorá-la pelo movimento para a frente.

Para satisfazer as condições acima (potencia e efficacia, minima vulnerabilidade, conquista e manutenção da superioridade de fogo) todo Chefe que receber por missão *atacar*, tem de elaborar um Plano de Fogo inicial, de organizar um dispositivo de fogo e de estudar como deslocar esse fogo no decorrer do combate.

Não é só na Defensiva que se tem de estabelecer Plano de fogo, na offensiva tambem, principalmente para o desembocar de um ataque preparado de antemão ou quando este passa de um compartimento a outra de terreno em que o plano de fogo estabelecido para o primeiro não mais serve para o segundo. Diz o regulamento francês (R.G.U. art. 102): "O fogo é o factor preponderante no combate, o ataque é o fogo que avança. O valor do fogo offensivo depende da *combinação estreita* dos fogos de toda natureza em um *systema organizado e regulado pelo commando*"; e que nada mais é do que o estabelecimento de um verdadeiro plano de fogo, consistindo no conjunto das missões dadas ás armas automaticas, de modo a dominar desde o inicio o fogo inimigo e assim permittir o desembocar das tropas atacantes.

E' isso conseguido dando-se missões e dispondo-se as armas no terreno de modo a se conseguir desde o inicio não só a *Plenitude* como a *Superioridade de fogo*.

E' necessario então pôr em acção, ou pelo menos em condições de agir instantaneamente, todas as armas necessarias para bater com bastante densidade *toda a zona* a atacar, "*é necessario pôr em jogo todos os fogos necessarios para neutralizar convenientemente o fogo inimigo*".

E' isso o que se chama *PLENITUDE DE FOGO*, que deve ser realizada a priori no momento da partida do ataque: conseguida, seja pela articulação da tropa no terreno, de modo que as unidades de 1.º escalão com seus F.M. espaçados mais ou menos de 50 ms., deem fogo em toda frente de ataque, seja ainda, por esses e pelas diversas outras armas Mtrs. Engs.) constituindo bases de fogo, que por suas caracteristicas, podem agir por cima ou pelos intervallos das tropas atacantes.

A noção de Plenitude de fogo é a BASE do combate actual da Infantaria.

Ella é o maximo de fogo util que se pode dar mas não prova as mais das vezes ser a Superioridade de fogo. Sua procura é o melhor meio de se conseguir essa superioridade. Daí dizer-se que a origem da superioridade é a plenitude de fogo, razão por que ella deve ser sempre procurada a priori para o desencadear de qualquer ataque.

Tendo-se a plenitude de fogo, se está em condições de actuar sobre os elementos inimigos que se revelarem no momento do ataque ou durante este, em qualquer parte da frente a atacar.

Não basta porém conseguir a *Plenitude de fogo*, é preciso conquistar a *Superioridade de fogo*. As vezes o numero de armas que nos dá a Plenitude é o sufficiente para a conquista da Superioridade, porém as mais das vezes tem-se a 1.^a e não a 2.^a por verificar-se que as tropas atacantes são detidas pelo fogo inimigo. Daí ser necessario organizar um dispositivo dos órgãos de fogo que:

a) assegure o maximo de possibilidades de conquistar a superioridade inicial de fogo;

b) mantenha meios possantes de modo a conservar ulteriormente essa superioridade;

c) seja susceptível de permittir o movimento.

Daí dizer-se que o dispositivo de ataque é um *dispositivo de fogo*, tão completo e tão forte quanto possível. O factor essencial de combate é o *fogo* e por isso desde o inicio, o dispositivo deve ser tal que não só permitta adquirir a plenitude como a superioridade de fogo.

Um dispositivo de ataque deve conciliar essas duas condições, maximo de efficacia e minimo de vulnerabilidade dos atiradores.

As actuaes armas da Infantaria, permittem produzir uma grande potencia de fogo, e em razão de suas características proprias, pode-se diluir em largura e em profundidade o dispositivo dos órgãos de fogo.

E' necessario então que um dispositivo de ataque, comprehenda homens para atirar, para marchar, para successão de esforços, e para produzir. "O effeito moral que nunca pode deixar de subsistir, *do homem atacando o homem*".

Assim teremos: de um lado: Cias. de 1.^o escalão levando a effeito os ataques, por meio de suas armas proprias, F.M., Fuzis, granadas, apoiadas pelos fogos das bases de fogo e seguidas pelas unidades de 2.^o e 3.^o escalões (reserva); de outro lado, as Mtrs. (P. e L.) e Engenhos (C. 37 e Stocks) constituindo bases de fogo, organizadas e commandadas, sempre nas mãos de um Chefe (Cmt. de Btl. ou de R.I.) promptas a apoiarem as unidades de ataque e a se deslocarem para frente, sempre que o ataque passar de um a outro compartimento de terreno ou a acolherem-nas no caso de um insuccesso.

A organização de base de fogo, deve ser a pre-occupação constante de um Cmt. de Btl. ou R.I. toda vez que o terreno a isso permitta. Só assim, elle terá em mão uma massa de fogo que poderá intervir opportunamente, isso é no lugar e no momento em que se torna necessario uma potencia maior de fogo para o bom proseguimento da acção.

A centralização dos órgãos de fogo nas mãos

de Cmdo. nem sempre é possível, basta que esse depare deante de si com um terreno coberto (bosques, sem campo de tiro) onde a acção desses órgãos seja inefficaz, obrigando-o a uma descentralização, isto é, po-los seja em acompanhamento, seja a disposição das unidades atacantes. Sempre que isso succeder a descentralização impõe-se, porém o Chefe deve ter sempre em mira, reuni-los desde que a situação a isso permitta, para impor a sua vontade sobre o inimigo, pelo effeito da massa, sempre mais vantajoso e efficaz.

Finalmente, uma vez conseguido organizar um dispositivo que nos permitta desde o inicio a conquista da *Plenitude e Superioridade de fogo*, elle deve outrossim permittir a conservação dessa superioridade e sua exploração ulterior, isto é, o *problema de fogo em movimento*, durante o ataque.

O terreno como sempre constitue um dos factores preponderantes nas decisões de um Chefe. Para uma tropa que ataca, elle quasi sempre não apresenta um unico aspecto, ao contrario, varia profundamente; ora planicies, valles, ora elevações, linhas de cristas parallelas ou perpendiculares a direcção de ataque, que constituem compartimentos de terreno distinctos, onde armas collocadas em condições de bater efficazmente o primeiro, são inefficazes para o 2.^o, 3.^o, etc., compartimentos. (1).

Para o inicio de um ataque, isto é, ataque ao inimigo no 1.^o compartimento de terreno, ou no interior de um compartimento qualquer, a continuidade do fogo é possível, seja pelo tiro continuo das armas automaticas e pontaria estavel (Mtrs. e Engs.), se necessario por cima das tropas amigas em movimento, seja pelo escalonamento das armas proprias das tropas atacantes (F.M. dos Pls., Mtrs. L. postas em acompanhamento), seja enfim pelos tiros de F.M. em marcha.

Porém ao passar o ataque, de um compartimento a outro de terreno, a continuidade do fogo soffrerá, se o deslocamento dos diversos órgãos de fogo não for cuidadosamente previsto e executado em tempo.

Daí ser necessario, toda vez que se aborda um novo compartimento de terreno, deslocar para frente, por escalões, desde que seja possível, os órgãos de fogo, que aí irão (após um rapido reconhecimento) organizar uma nova base de fogo, tendo em vista, o apoio das unidades no ataque ao inimigo desse novo compartimento.

E assim é traduzido o grande principio que a "*Offensiva é o fogo que avança*" e "*que no ataque tudo é problema de fogo*".

(1) Compartimento de terreno é a faixa de terreno immediatamente na frente, que pode ser batida por armas installadas, sem ser preciso muda-las de posição.

Instruir é formar cidadãos, é sanear mentalmente, é fundamentar os laços da collectividade dentro da unidade da Patria. Republica só póde ser concebida como forma de governo de uma organização vitalmente democratica. Democracia presuppõe instrucção diffundida e dilatada. Instruir é, pois, democratizar o homem e republicanizar as instituições politicas. — VICENTE LICINIO CARDOSO.

A Artilharia nos preliminares do combate offensivo

Pelo 1.º Tte. Octavio Paranhos

TRATAREMOS particularmente do apoio ás vanguardas. A artilharia terá de fornecer tiros de *apoio directo* e de *protecção* quando as vanguardas procuram illiminar as resistencias locais, e tiros de *deter* quando tiverem de resistir aos ataques dos elementos avançados do adversario. Podemos ainda annexar os tiros contra os objectivos inopinados.

Para abordarmos com segurança o que desejamos, vamos primeiramente definir as expressões: *apoio directo* — *protecção* — *acção de conjunto*, etc., que apparecem a cada instante em toda acção de artilharia na offensiva.

Os tiros de *apoio directo*, diz o I.G.U. francês art. 178, devem "acompanhar *ao mais perto* a infantaria, seja de accordo com um plano preestabelecido, seja segundo os pedidos de intervenção da infantaria, aos quaes esta artilharia terá a obrigação de satisfazer em todos os momentos do combate".

Estes tiros, diz ainda o I.G.U. artigo 190, "permitem a infantaria de abordar o inimigo antes que elle possa fazer um uso efficaç das suas armas. São graduados conforme a manobra da infantaria e se adaptam as organizações e aos obstaculos do terreno".

Consistem seja no bombardeio dos objectivos *mais proximos*, prolongado até o momento onde os progressos do ataque obriguem a *prolongar o tiro*, seja n'uma *barragem* do ataque densa e profunda (de emprego muito excepcional no Brasil), seguida *de perto* pela primeira linha e se fixando na *sua frente* quando ella parar, seja n'uma *combinação* destes dois processos.

A caracteristica principal dos tiros de *apoio directo* é *então* que *este genero de tiro deve ser applicado perto da infantaria*.

A *palavra directo* attribuida a estes tiros, significa *que elles atacam os objectivos que interessam directamente a infantaria na sua zona de combate*.

Quer haja plano preestabelecido ou pedidos de intervenção feitos pela infantaria a um dado momento, quer a infantaria sujeite sua manobra aos fogos da artilharia ou que a artilharia molde seus fogos a marcha da infantaria, em todas as circumstancias, a artilharia deve collocar seus projectis *o mais perto* da infantaria e aonde ella pede. Portanto, é necessario que haja uma estreita ligação entre as duas armas; porém, por mais intima que seja não será mais do que um processo permitindo realizar o fim procurado, isto é, "*collocar os projectis o mais perto possivel da infantaria*".

Sendo a artilharia de campanha de 75, artilharia leve, quem atira *mais perto* da infantaria, será a esta que devemos appellar para os tiros de *apoio directo*.

De tudo isto decorre uma primeira conclusão: normalmente a artilharia de 75 desempenhará só a missão de *apoio directo*.

Em alguns casos particulares (zona em contra vertente que o 75 não pode alcançar, etc.), o canhão de 155 curto substitue o canhão leve de tiro tenso. Porém nunca substituem o effeito do 75, ficando sempre menos densos e se revelam sempre mais cêdo.

Passemos aos tiros de *protecção*.

Os tiros de *protecção* tem por fim (I.G.U. artigo 191): "*prolongar a acção dos fogos de apoio directo n'uma zona a mais profunda possivel, neutralizando os pontos d'onde o inimigo pode agir por seu fogo*."

Surpreendem os objectivos fugitivos que se revelarem, em particular as tropas de contra ataque, seja durante sua reunião, seja no momento do desembocar.

Mascaram enfim o ataque cegando os observatorios provaveis do inimigo".

Para *prolongar* os tiros de *apoio directo* os canhões pesados, em virtude da margem de segurança dever ser superior a dos canhões leves, são os mais indicados.

Para neutralizar os fogos adversos, pode-se empregar tanto o canhão leve como o pesado.

Para os objectivos fugitivos, poderemos igualmente empregar um ou outro, porém o tiro do canhão de 75 se desencadeia muito mais rapidamente, esta vantagem é importantissima e deve ser utilizada.

Para cegar os observatorios, se possuirmos granadas fumigenas, o 155 Curto das nossas divisões é mais economico que o 75, porque empregará uma peça onde o 75 precisa de cerca de 1 Bia.

D'onde 2.ª conclusão: os tiros de *protecção* são, em geral, da alçada do 155 curto, salvo no que diz respeito aos objectivos fugitivos, que ha necessidade de se atacar rapidamente.

A artilharia de *protecção* deve então compreender o 155 e um pouco de 75.

Vejamos agora a *acção de conjunto*.

No que concerne a repartição da artilharia na D.I., a I.G.U. artigo 178 diz:

"O conjunto da artilharia é articulado em agrupamentos adaptados ao dispositivo da infantaria e susceptivel ao mesmo tempo de concorrer nas concentrações de fogos que as circumstancias do combate poderão tornar necessarios.

O commandante da divisão reparte geralmente sua artilharia em 2 fracções:

- uma, chamada de *apoio directo*, cujos fogos devem acompanhar de perto a infantaria;
- outra, dita de *acção de conjunto*, que permitirá ao general de divisão de fazer sentir sua acção no correr da luta por concentração de fogos nos pontos uteis, e que, frequentemente, prolongará, por tiros chamados de *protecção*, os tiros de *apoio directo*.

O conjunto destas duas fracções é collocado sob as ordens do Cmt. da A.D. que constitue os agrupamentos, reparte as missões, attribue as posições e os observatorios".

Para bem compreender este texto resta-nos ver o que é preciso entender por *acção de conjunto*.

E' a *acção de conjunto* uma missão propriamente dita?

O *apoio directo*, como vimos, é uma missão nitida: fornecer o *apoio directo* dos seus fogos a uma tropa determinada; é para o artilheiro, collocar os seus tiros numa região bem definida do terreno, o mais perto desta tropa e na sua frente.

A *protecção* se traduz tambem por missões nitidas: neutralizar certos órgãos de fogo; tiros sobre objectivos n'uma determinada zona; cegar taes observatorios.

A *acção de conjunto* é muito mais vaga e, representada em summa, conforme o caso, uma ou outra das missões que acabamos de ver. O regulamento, aliás, a define como devendo permittir ao general de divisão de fazer sentir sua acção no correr da luta por concentrações de fogos

sobre os pontos uteis, sem precisar, se estas concentrações tomarão a forma de tiros de apoio directo ou de protecção.

O mesmo regulamento ainda diz: "às mais das vezes" esta acção de conjunto prolongará por tiros chamados de protecção, os tiros de apoio directo.

Mas estas palavras *às mais das vezes* não querem dizer sempre?

Se encarmos o 75 é legítimo de admittir que, já que este canhão é particularmente apto ao apoio directo, se o general de divisão attribue uma fracção a acção de conjunto, esta *será, sobretudo, com a missão de reforçar em certos pontos os tiros de apoio directo.*

Se uma divisão tem uma brigada engajada e se esta ultima unidade faz o esforço successivamente pela direita, depois pela esquerda, esta missão de acção de conjunto será de reforçar os tiros de apoio directo do regimento da direita até a conquista de um primeiro objectivo, depois os tiros de apoio directo do regimento da esquerda para a conquista de um outro objectivo, etc. ...

O 75 de acção de conjunto apparece assim como uma balança de fogos, permittindo reforçar o apoio directo nos pontos uteis, segundo um plano estabelecido previamente depois do estudo de phase por phase e objectivo por objectivo.

O mesmo 75 de acção de conjunto poderá também ser encarregado das missões de protecção, seu emprego se concebe, neste caso, por tiros contra os objectivos inopinados que demandar desencadeamento rapido, taes como, tropas de contra ataque, etc. Mas se prescrevendo a uma unidade de 75 de atirar por prioridade sobre um objectivo fugitivo, é preciso evitar immobiliza-la, de lhe fazer montar guarda, na previsão de uma hypothese que talvez não se realize.

Por outras palavras, se uma unidade de 75 recebe como missão de primeira urgencia atirar nos objectivos fugitivos que o avião pode lhe assinalar n'uma zona dada, missão, cuja necessidade pode muito bem jámais se manifestar durante a operação, esta mesma unidade, receberá utilmente a missão, que por ser de segunda urgencia, será talvez sua missão corrente, isto é, *reforçar sobre um ponto útil os tiros de apoio directo*, porque, estes, nunca serão muito densos se queremos poupar os esforços physicos e moraes do infante.

Emfim, excepcionalmente o canhão de 75 pode, como ultimo modo de protecção, ser chamada a neutralizar fogos inimigos situados fóra da zona dos tiros de apoio directo. Conforme o que acabamos de dizer vemos quanto este genero de emprego deve ser limitado.

Todo 75 attribuido a uma tal missão será perdido para o apoio directo, que nunca é muito forte; será melhor, neste caso, appellar para o 155 curto.

Se entretanto o 75 recebe uma tal missão, esta será por exemplo no curso de uma operação local, onde não se empenha senão um fraco effectivo de infantaria, não exigindo, por consequencia, para um apoio directo, senão uma fracção de artilharia leve e deixando algumas disponibilidades de fogos de 75, que poderão, sem inconveniente, assegurar o genero de protecção que estamos tratando. Talvez entre nós isto se dê, não só para supprir a falta do 155, se este custar a chegar, assim como se a operação, como no caso do engajamento, precisar ser conduzida rapidamente.

Resumindo:

- O apoio directo será desempenhado, salvo excepção muito rara pela artilharia de 75.
- A acção de conjunto exige normalmente o concurso do 155 curto, ella o emprega nas differentes missões de protecção.

A acção de conjunto fará appello ao 75:

1.º) Para reforçar o apoio directo nos pontos julgados uteis pelo commando, permittindo-lhe variar como entende o ponto de applicação do seu esforço;

2.º) Para cumprir certas missões de protecção, desencadear rapidamente os tiros sobre os objectivos fugitivos, neutralizar as vezes os fogos adversos fora da zona dos tiros de apoio directo.

Estamos agora em condições de resolver o nosso thema, isto é: *missões geraes e repartição da artilharia na aproximação e na tomada de contacto.*

Supponhamos que uma divisão marcha tendo duas vanguardas. Os tiros de apoio directo, de protecção e de deter podem a um mesmo momento ser necessarios a cada uma das vanguardas; mas pode ser também que só uma dentre ellas tenha momentaneamente necessidade d um apoio muito forte. Vemos, por consequencia, a necessidade de dispor de uma artilharia de acção de conjunto muito importante, e, poderemos tentar reparti-la em duas fracções:

- UMA FRACA: *de apoio directo* dividida entre as vanguardas, fornecendo a cada uma os tiros de apoio directo ou os tiros de deter que necessitar;
- OUTRA FORTE: *de acção de conjunto*, permittindo o balançamento dos fogos, fornecendo o reforçamento do apoio directo ou dos tiros de deter e os tiros de protecção.

Se olharmos de mais perto, achamos uma tal repartição um pouco formalista.

Primeiramente é preciso marchar por lances, e a um momento dado, por consequencia, uma parte da artilharia somente, cerca de metade, está em condições de intervir. Se fraccionarmos esta metade em categorias muito separadas, arriscamo-nos de esphacciar sem proveito a artilharia. Além disto, neste momento, o que pode ser pedido é um tiro sobre quaquer objectivo pouco numeroso, tiro "desencadear rapidamente pelas baterias promptas, sem se saber mesmo se são de apoio directo ou de protecção, etc.

Uma vanguarda composta de 1 Btl. sabe que pode contar com o apoio de 1 grupo de 75 que marcha por lances á sua retaguarda, em condições de intervir óra com 1 óra com 2 baterias. Se esta vanguarda se achar impedida na sua progressão por fogos de flanco da orla de um bosque collocado á sua esquerda, por exemplo, não é de tiros de apoio directo que ella tem necessidade neste momento, mas de tiros de protecção neutralizando-os e permittindo-lhe proseguir sua marcha.

Quem lhe fornecerá mais cedo estes tiros?

Evidentemente o grupo encarregado de apoiá-la.

Podemos, nestas condições, qualificá-lo de *apoio directo*?

E, se um objectivo inopinado surge, tal como um movimento de tropas suspeito na frente desta vanguarda, quem atirárá, não será este mesmo grupo?

E então como denominá-lo?

Na realidade em toda esta phase dos preliminares do combate não se pode falar de apoio directo e de acção de conjunto.

Ha, simplesmente, na retaguarda das vanguardas, uma artilharia susceptível de realizar em seu proveito alguns effectos de concentração que não pode fornecer o acompanhamento immediato. Esta artilharia mantem-se prompta para apoiar do melhor modo a vanguarda, executando, segundo o caso, tiros de apoio directo ou tiros de toda outra natureza.

O que é importante é não catalogar a artilharia mas articula-la de maneira que possa cumprir sua missão.

Como é essencial intervir rapidamente, é a artilharia de 75 que faremos appello logo no inicio (haverá mesmo

necessidade de grupos de montanha mais manobreados), enquanto que as primeiras resistências serão sem dúvida pequenas.

Encarregaremos então ao 75 de todos os tiros de apoio ou de protecção a infantaria e, eventualmente, dos tiros contra os objectivos inopinados.

Para poder apoiar cada vanguarda separadamente, e, em caso de necessidade, o 75 será repartido em tantos agrupamentos quantos forem as vanguardas propriamente ditas: cada agrupamento apoiará, em princípio, uma vanguarda determinada, dará satisfação aos seus pedidos de tiros e será de uma força proporcional a importância do papel da vanguarda apoiada.

Porém, os agrupamentos assim constituídos, não serão como a artilharia de acompanhamento immediato, á disposição das proprias vanguardas, é preciso poder em caso de necessidade apoiar muito fortemente uma determinada vanguarda antes que uma outra; então, manter estes agrupamentos sob um commando de conjunto.

De outra parte, é preciso não esquecermos que o conjunto dos preliminares do combate: marcha de aproximação, tomada de contacto e engajamento é um acto da divisão, conduzido pelo proprio general commandante, o qual, se bem que marchando na testa do grosso, continúa a commandar toda a divisão e não este grosso sómente, e que deve estar a todo momento prompto a tomar a direcção do combate. Portanto o general de divisão não pode e não deve renunciar do commando de sua artilharia; po-

rém, tudo que pode e deve fazer é de definir previamente, com precisão, em quaes condições os agrupamento de apoio as vanguardas, constituídas por sua ordem, devem abrir o fogo em caso de pedido directo destas ultimas.

Se exigir, com effeito, que o fogo não seja aberto senão sob sua ordem, arriscará perder tempo podendo arrastar ou um reforçamento da resistência encontrada ou, diante de um inimigo offensivo a perda de um ponto interessante occupado pela vanguarda.

Se deixar, ao contrario, toda independencia á seus subordinados, arriscar-se-á de ver os tiros desencadeados a cada instante e fóra de tempo, acarretando uma despesa prematura de munições que serão tão preciosas no momento do ataque.

Deve então, parece-nos, autorizar os grupos de preparar os tiros, abrir o fogo sob o pedido directo das vanguardas, prohibindo-lhes, formalmente, de ultrapassar, sem ordem, um certo consumo.

Todo este commando se exerce por intermedio do Cmt. da A.D.

Conclusão: A artilharia que eventualmente apoia as vanguardas é a de 75. A classica repartição de artilharia de apoio directo e de artilharia de acção de conjunto não tem razão de ser durante as phases preliminares do combate offensivo.

Esta repartição achará seu lugar quando tivermos de montar uma operação de uma certa importancia.

Setembro, 1927.

Uniformizar para distinguir ou uniformizar para confundir?

Uniforme — que tem uma só forma; que não tem variedade.

Assim o define Candido de Figueiredo.

Como poderíamos definir nós essa polycromia de uniformes que pretendem copiar o Exército e que sem lhe ser uniforme nos deveres e nas exigencias lhe é na apparencia e na exterioridade?

Das duas, uma. Ou as corporações militares se fardam para se distinguir entre si, distinguindo-se nos seus deveres de disciplina collectiva e exige que nada se lhe assemelhe ou copie, ou então consentem que de uma feita se fardem todos os meninos á nossa perfeita semelhança e se lhe dê honras, obrigações e vantagens materiaes.

Porque o que choca nesse pouco caso da distincção entre collegios e exercito, não é propriamente a distincção entre meninos e homens, mas a differença entre a pilheria, o ridiculo, o carnaval, e a razão superior — unica, necessaria, do fardamento.

Antes de mais nada é preciso ponderar que nos distinguindo por uniformes não criamos senão uma obrigação de disciplina collectiva especifica — complementar a disciplina de todo homem que vive em sociedade. Ora se dermos de mão a ella; se consentimos que parallelamente a nós se enfileirem todos os Jardins de Infancia fantasiados de Exército, isso redundará num afrouxamento daquella disciplina complementar que o fardamento criou.

E é por isso que, ignorante das hierarchias ou do aspecto externo de cada fardamento, muita gente leva, ao Exército, as criticas de indisciplina de falta de modos, de má educação de qualquer collegial menos comportado.

E além disso revela um profundo mau gosto; uma ausencia completa da finalidade do fardamento em cuja essencia se alliam e devem alliar, em pregos razoaveis.

Que dizer dos calções, das perneiras, das esporas, dos bonés americanos e quejandas, arrumados sobre um corpinho adolescente que quer liber-

dade, movimentos livres, folga, e não monta e não anda no campo, etc., etc?

Assumpto altamente curioso pelo lado esthetico, pelo lado moral e até pelo lado da propria hygiene da criança. Habitua-la ao fardamento militar não é criar-lhe nenhum sentimento de civismo que é qualidade a desenvolver e não artigo de aluguel e sobretudo, porque lhe deturpa o verdadeiro sentimento de respeito áquellas entidades cujo prestigio ella malbaratou copiando, imitando — fingindo della, nos seus brincos infantis.

Que a Associação Brasileira de Educação, a Liga de Defesa Nacional, o Conselho Superior de Ensino e todas as Associações e os espiritos que no Brasil amam na criança o homem de amanhã e queiram-na respeitada e respeitadora, se aliem nessa campanha de hygiene, de bom gosto e de boa educação.

E além dellas que os órgãos competentes do Exército façam cumprir umas coisas que a respeito de fardamentos collegiaes estão regulamentadas entre nós.

Tactica de Artilharia

Cap. A. Prati de Aguiar

O FIM que temos em vista apresentando um Thema de Artilharia ás cogitações dos leitores da "A Defesa", se resume em proporcionar-lhes uma occasião favoravel ao estudo em minucia de certos pontos da Tactica d'esta arma.

Na verdade, os themas como este, exclusivamente de Artilharia, respondem sómente a uma necessidade de estudo; porque, de facto, não se encontram, na realidade, questões de Tactica de Artilharia, isoladas.

No dominio da Tactica, as diversas armas se apresentam sempre ligadas. Por conseguinte, qualquer thema, para que se relacione melhormente com as realidades, deverá ser formulado num quadro geral, em que se achem representadas todas as armas. Mas, se quisermos focalizar em minucia o emprego tactico de uma dellas, em particular, o processo natural a seguir será o que adoptamos aqui: arbitrar, como definitivamente resolvida a parte tactica relacionada com as outras armas e limitar o estudo ás questões attinentes unicamente á arma escolhida.

Sem querermos seguir a natural tendencia de cada um, no sentido de defender o que lhe toca mais de perto, temos o designio de chamar a attenção dos leitores da "A Defesa" para a importancia particular de que se reveste o estudo da Tactica de Artilharia, entre nós.

De um lado, pela fraca proporção de Artilharia de que dispomos e disporemos; de outro, pelas difficuldades enormes que revestirá o seu remuniciamento em campanha.

Estas duas circumstancias indiscutíveis são de molde a aconselharem o estudo aprofundado da Tactica desta arma, de modo que possamos tirar della, em campanha, o maximo de rendimento possível com o minimo de meios.

Certo, esta conclusão não é válida para outros Exercitos, como os europeus, de um modo geral, por isso que dispõem de industria miliar propria e de meios e vias de communicações taes, que os problemas de remuniciamento e reabastecimento se apresentam deveras simplificados.

O thema, que passamos a propôr, se enfeixa num Destacamento de Retaguarda; propositadamente escolhemos um âmbito menor, que o de uma Divisão de Infantaria, de modo a partirmos de uma questão simples.

THEMA DE ARTILHARIA

Cartas — S. PAULO: Folhas de MOGY MIRIM e RIO CLARO, escala 1|100.000.

S. PAULO e MINAS: escala 1|750.000

SITUAÇÃO GERAL

Nos primordios da guerra, travada entre dois Estados vizinhos, o Partido de Oeste (vermelho), aproveitando-se da rapidez com que se effectuou a sua mobilização, tomou immediatamente a offensiva sobre o adversario, actuando de um lado e de outro do rio PIRACICABA e fazendo o esforço principal pelo Sul.

Tendo rechaçado facilmente os elementos de cobertura do Partido Este (azul), os vermelhos se empenharam deante de importantes forças azues num primeiro encontro, onde aliás não conseguiram resultado decisivo algum.

A partir d'aí, os azues iniciaram uma manobra em retirada, cedendo terreno palmo a palmo, sem acceitarem o combate a fundo, mas praticando numerosas destruições.

Na primeira semana de dezembro, o agrupamento das forças vermelhas, operando ao N. do rio PIRACICABA, se achava na zona MOGY MIRIM-ITAPIRA-SOCCORRO-AMPARO-COSMOPOLIS; elle comprehendia duas D.I. e uma D.C., em cobertura do flanco esquerdo (agindo ao N. do rio MOGY GUASSÚ). Este agrupamento se achava em ligação por SOUSAS com o agrupamento principal, cuja actuação se fazia ao S. do rio PIRACICABA.

Em contacto com os primeiros elementos vermelhos se achavam apenas forças de cavallaria azul, com fracções de Infantaria e algumas baterias de 75.

Por esta mesma época, importantes forças vermelhas, vindas do interior, se reuniam na região de BOTUCATÚ (a mór parte) e na de BROTAS-RIO CLARO (duas D.I.). Estes reforços não poderiam, porém, entrar em acção antes do fim de dezembro.

Pelas informações de agentes e pelo resultado dos reconhecimentos de Aviação, que assinalavam desde alguns dias reuniões consideraveis de forças azues na região de POUSO ALEGRE, pôde-se prevêr, que uma importante offensiva azul seria desencadeada contra a ala esquerda vermelha.

Para escapar á pressão dos azues, capaz de se exercer em curto prazo, o commando em chefe dos vermelhos tomou, no dia 8 de dezembro, a decisão de retrahir para O. todas as forças, que actuavam ao N. do PIRACICABA.

A retirada se fez por marchas nocturnas, sob a protecção da D.C., que substituiu a Infantaria, então em contacto com os azues.

O objectivo dos vermelhos, fazendo a manobra em retirada, era attingir e organizar uma posição defensiva, balizada pelo Maciço de Est. REMANSO e pelo M. da MATTA NEGRA, na qual poderiam resistir pelo tempo necessario á chegada dos reforços, então em reunião, e com os quaes retomariam a offensiva.

Na manhã de 15 de dezembro a situação do agrupamento vermelho ao N. do PIRACICABA é a seguinte:

A 1.^a D.I., que se achava inicialmente na região de ITAPIRA, tendo attingido na noite de 13|14 a região de Est. REMANSO, iniciou, a seguir, os trabalhos de organização defensiva. O seu R.C.D., cobrindo os postos avançados da Divisão, estabeleceu-se na linha Dr. ALEXANDRE Faz. S. JERONYMO.

A 2.^a D.I., que operava ao S. da 1.^a e que na retirada teve de passar tambem por MOGY MIRIM, o que a obrigou a seguir as pegadas desta divisão, attingiu com a sua cauda, na noite de 14-15, a margem O. do Rib. do FERAZ. Seus elementos se acham bivacados ao longo da estrada para ARARAS, entre Faz. S. ANTONIO e Faz. do RETIRO. Na noite de 15|16 a divisão deverá transportar-se para a zona Est. LORETO-ARARAS-FURNAS.

A 1.^a D.C. recuava lentamente sob a pressão dos azues; na jornada de 14, ella se achava em contacto com o inimigo ao longo da linha ferrea MOGY GUACÚ-MOGY MIRIM e mais ao S., porém durante a noite de 14|15 teve de transportar a sua defesa para a linha PONTE ALTA DE BAIXO-SITIO DO CAMPO.

No decorrer do dia 15 o inimigo, depois de ter retomado o contacto com a D.C., por volta de 9 horas, ao longo do Rib. da VATINGA, desencadeou ás 12 horas um ataque, apoiado por artilharia de 75 e conseguiu ás 14 horas tomar pé nas alturas, entre o Rib. da VATINGA e o Rib. da PONTE ALTA.

Mais ao S., ao contrario, elementos ligeiros da D.C. vermelha, dispostos na sua ala direita (região entre PONTE ALTA e SITIO DO CAMPO), tiveram, até esta hora, de enfrentar apenas patrulhas de cavallaria inimiga, que facilmente foram rechaçadas; um reconhecimento mandado até Faz. ds PITEIRAS por SITIO DO CAMPO, não encontrou inimigo. Reconhecimentos da aviação vermelha assinalaram ás 10 horas: actividade intensa, em MOGY MIRIM e ITAPIRA; columna continua, entre estas duas localidades; co'umna de todas as armas, entre MOGY MIRIM e M. VERMELHO e entre MOGY MIRIM e JOÃO BAPTISTA. Nada ao S.

SITUAÇÃO PARTICULAR

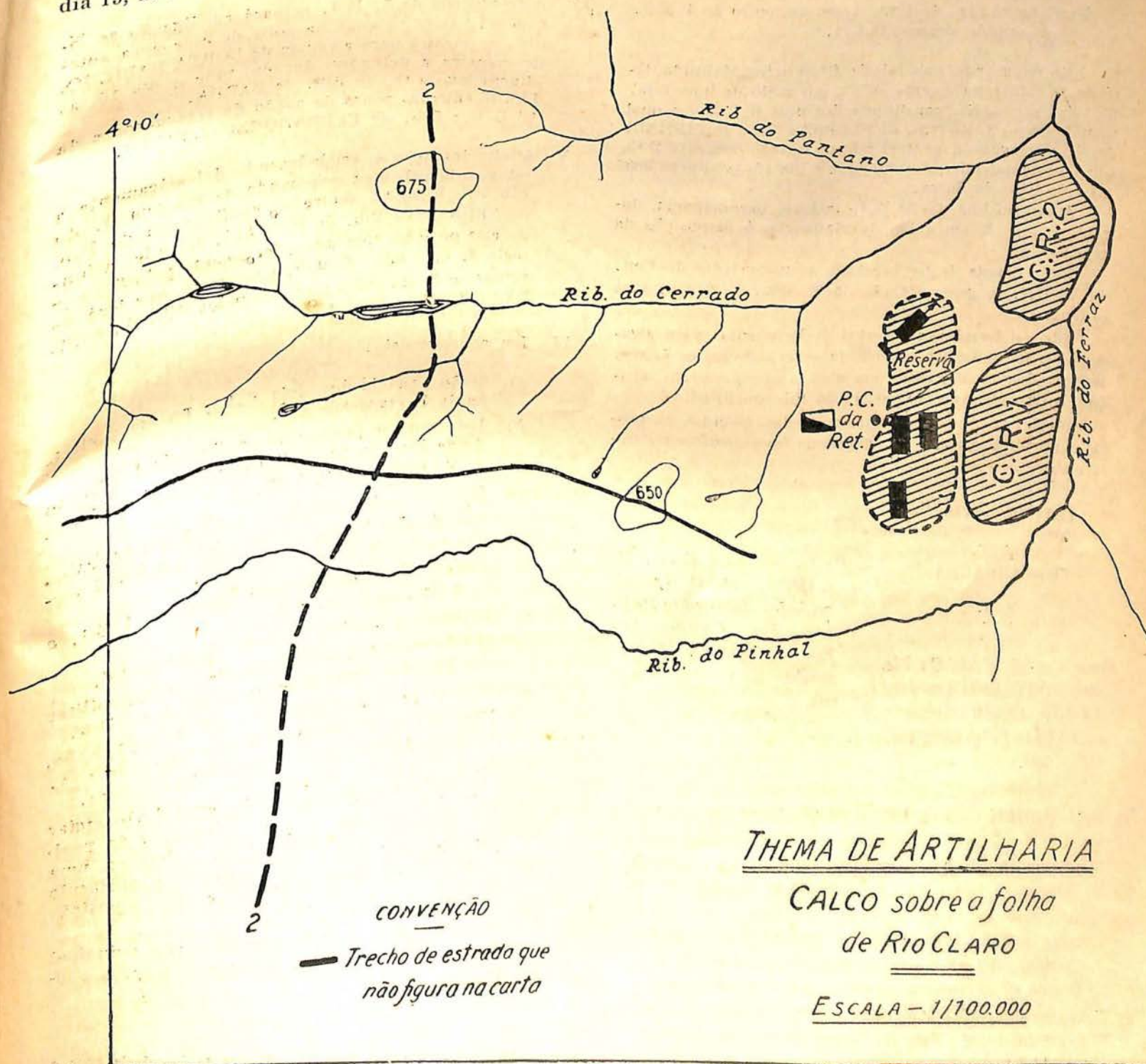
Deante dos factos até aqui citados, para manter fóra do alcance inimigo o grosso da 2.^a D.I., nas suas ultimas etapas, e para ganhar o tempo necessario a uma melhor organização da posição defensiva, o general Cmt. do agrupamento de forças vermelhas, actuando ao N. do rio agrupamento de forças vermelhas, actuando ao N. do rio PIRACICABA, que se acha em ARARAS, toma, ás 10,30 do dia 15, as decisões seguintes:

1.^a A 1.^a D.C., continuando a resistir á pressão inimiga, durante este dia, aproveitar-se-á da noite de 15|16 para romper o combate e, deslizando para N.O., estabelecer-se-á atrás do Rib. da BARRA, entre o Rio MOGY GUAÇU e o Rib. do CERRADO, tendo como missão (em ligação á direita com uma retaguarda, deixada pela 2.^a D.I.) impedir ao inimigo a passagem do Rib. da BARRA, durante todo o dia 16.

2.^a A 2.^a D.I., continuando com o seu grosso na noite de 15|16 a marcha para O., deixará da linha Rib. do FERRAZ-GUAÍQUICA uma retaguarda, fortemente dotada de artilharia e de cavallaria, a qual, operando em ligação com a 1.^a D.C. ao N., terá por missão impedir ao inimigo, durante o dia 16, de tomar pé a O. da referida linha.

O 1.^o R.C.D. será posto á disposição da 2.^a D.I., em DELGADO, ás 15 horas do mesmo dia.

3.^a Salvo ordens em contrario, a 1.^a D.C. e a retaguarda da 2.^a D.I., depois de impedirem durante o dia 16 a progressão do inimigo para O. da linha indicada, terão, durante a noite de 16|17, de romper o contacto e



vir offerecer nova resistencia na linha 2, indicada no calco annexo.

Limite entre a D.C. e a retaguarda da 2.^a D.I.: Rib. do CERRADO-Est. LORETO.

Recebendo em ARARAS, ás 11 horas, a ordem do Cmt. do agrupamento N. do PIRACICABA, na qual se encerram as decisões acima, o general Cmt. da 2.^a D.I. constitue a retaguarda alludida e designa para commandá-la o general Cmt. da 3.^a Bda. de Infantaria.

Sua composição é a seguinte:

5.^o R.I.

3.^o R.A.M.

2.^o G.A. Mth. (a 4 Bias.).

1.^o e 2.^o R.C.D.

1/3 Cia. Saps. Mins.

Dest. da 2.^a Cia. de Trns. (com um posto de T.S.F. de grande alcance, O.C.).

Esta retaguarda, cuja missão ficou acima definida, terá de se cobrir fortemente ao S., por meio de uma Bda. de Cav. provisoria, constituida dos dois R.C.D., a qual manobrá ao S. do Rib. do FERRAZ e Rib. do PINHAL. Ao N., a retaguarda manterá estreita ligação com a 1.^a D.C., que terá de defender, durante todo o dia 16, as alturas logo a O. do Rib. da Barra.

A esquadrilha da 2.^a D.I. terá em permanencia, durante o dia 16, um avião de vigilancia, á disposição da retaguarda.

Logo depois de ter recebido as prescrições do Cmt. da 2.^a D.I., o general Cmt. da 3.^a Bda. I. deu as suas ordens.

Ellas determinavam certos deslocamentos para algumas das unidades da retaguarda e accionavam os órgãos de reconhecimento, tendo em vista a occupação da posição, localizada na margem O. do Rib. do FERRAZ.

Mais tarde, como confirmação das medidas já postas em pratica, o Cmt. da retaguarda fez expedir a seguinte ordem:

Partido Vermelho

Agrupamento N. do Piracicaba

2.^a D. I.
RETAGUARDA

E.-M.

N. ..

CARTAS — S. PAULO: Fls. de MOGY MIRIM e RIO CLARO, escala 1/100.000; S. PAULO E MINAS; esc. 1/750.000.

P. C. no valle do C. do CAMPO LIMPO (proximidades da estrada BARBOSA-Faz. CAMPO ALTO), 15 (quinze) de Dezembro, ás 13 (treze) horas.

ORDEM GERAL DE OPERAÇÕES N. Q.

I. Na manhã de hoje o inimigo retomou, por volta de 9 horas, o contacto com a nossa D.C., a qual, durante a noite de 14/15, havia transportado a sua defesa para a linha PONTE ALTA DE BAIXO-SITIO DO CAMPO. A's 12 horas o inimigo desencadeou uma ataque de infantaria, apoiado por artilharia, parecendo que pretende se apoderar das alturas, comprehendidas entre o Rib. da VATINGA e o Rib. da PONTE ALTA.

Até essa hora, o inimigo não tinha ainda sido assinalado ao S. da estrada MOGY MIRIM-JOÃO BAPTISTA.

II. Nossa 2.^a D.I. deverá continuar na noite de hoje o movimento para O.

Ela deixará, porém, na margem O. do Rib. do FERRAZ, sob meu commando, uma forte retaguarda, constituida dos seguintes elementos:

5.^o R.I.

3.^o R.A.M.

2.^o G.A. Mth.

1.^o e 2.^o R.C.D.

1/3 Cia. Saps. Mins.

Dest. da 2.^a Cia. de Trns. (com um posto de T.S.F. de grande alcance, O.C.).

III. A missão desta retaguarda consiste em impedir que, durante toda a jornada de 16, o inimigo tome pé nas alturas immediatamente a O. da linha Rib. do FERRAZ-GUAQUICA.

IV. A retaguarda da 2.^a D.I. actuará em ligação ao N. com a 1.^a D.C., a qual, na noite de hoje para amanhã, se retrairá para a região de CORTA RABICHO, de maneira a defender, durante todo o dia 16, as alturas logo a O. do Rib. da BARRA. Limite entre as zonas de acção da retaguarda e da 1.^a D.C.: Rib. do CERRADO-Est. LORETO.

V. Minha intenção é, estabelecendo defensivamente a retaguarda sob meu commando na margem O. do Rib. do FERRAZ (entre as confluencias do Rib. do CERRADO e Rib. do PINHAL), defender a fundo esta posição, cobrindo-a fortemente pelo S., por meio de uma Bda. de Cav. provisoria, que terá de actuar ao S. da linha marcada pelos Rib. do FERRAZ e Rib. do PINHAL.

VI. Em consequencia:

- Serão organizados dois C.R., na zona attribuida á retaguarda (*).
- Esta zona se estende da confluencia 1 km. ao S. de Faz. do RETIRO á confluencia 3 kms. a E. de LUIS DE CASTRO.
- Os C.R. serão separados pelo pequeno Rib., que desagua no Rib. do FERRAZ, a 2.300 metros ao N. de Faz. do RETIRO.
- Cada C.R. disporá, como meios, de 1 Btl. e de 1 Sec. de Mtrs. Pes.
- Linha de vigilancia: o Rib. do FERRAZ.
- Linha principal de resistencia: crista militar das alturas immediatamente a O. deste Rib.
- Reserva ás minhas ordens: 1 Btl. de I., 1/2 Cia. Mtrs. Pes. (do 5.^o R. I.) e 1 Esq. de Cav. Localização das reservas: ver calco annexo.
- Os elementos em P.A. terão por missão vigiar o inimigo e informar aos defensores da posição principal de resistencia; offerecer uma primeira resistencia, aproveitando o obstaculo do Rib. do FERRAZ; retrahir-se sobre a posição principal, mediante ordem.
- Os elementos, dispostos na posição principal de resistencia, deverão resistir no lugares a todo custo.

(*) Deve ficar bem comprehendido, que se exclue desta zona a que cabe á tropa de cobertura do flanco direito.

- j) Ligações com a D.C. e com a Bda. de Cav. provisoria: a cargo dos Btls. do 1.º escalão.

VII. Cavallaria.

A Bda. de Cav. provisoria, constituida dos 1.º e 2.º R.C.D., sob o commando do Cel. do 2.º R.C.D., tendo por missão geral a cobertura do flanco direito da posição defensiva, depois de ter retardado o mais possível o inimigo na passagem do Rib. das PEDERNEIRAS, deverá impedir a sua progressão para O. do Rib. de QUAQUICA, durante todo o dia 16.

Sua zona de acção é limitada ao N. pelos Rib. do FERRAZ e Rib. do PINHAL.

VIII. Artilharia.

.....

IX. Engenharia.

.....

X. Ligações e transmissões.

.....

XI. Localização dos P. C.

P.C. da retaguarda da 2.ª D.I., no córrego do C. do CAMPO LIMPO, proximo á estrada BARBOSA-Faz. CAMPO ALTO.

P.C. da artilharia, junto ao da retaguarda.

P.C. do Cmt. da Bda. de Cav. provisoria.

- XII. Os T. C₂ deverão se manter a O. da linha, marcada pelo C. do CAMPO LIMPO.
 Os T. C₁ com as unidades.

O Gen. Cmt. da Retag. da 2.ª D.I.
 X.

INDICAÇÕES SOBRE O TERRENO

Na zona attribuida á retaguarda da 2.ª D.I., o terreno se apresenta coberto de cafezaes. Apenas no valle do Rib. do CERRADO se encontra uma faixa estreita de matto alto, no trecho comprehendido entre a confluencia do Cor. do PICA PAO e S. VICENTE.

Por isto e tambem por não haver differenças de nivel sensiveis entre os diversos pontos desta zona de terreno, as vistas não são muito extensas e os campos de tiro muito limitados. Não obstante, é perfeitamente exequivel atirar nas ruas dos cafezaes e, assim, obter bons tiros de enfiada com as armas automaticas.

As estradas se acham em boa condições e permitem facilmente o rolamento da artilharia leve e das viaturas dos trens. Mesmo na maioria das ruas dos cafezaes esta possibilidade se apresenta.

Dois pequenos trechos de estrada, que não figuram na carta, ligam directamente as Faz. CAMPO ALTO e Faz. S. ANTONIO, respectivamente, á grande estrada Faz. do RETIRO-ARARAS.

Uma extensa estrada, que tambem não figura na carta, se desenvolve, mais ou menos, pela crista topographica das alturas, entre o Rib. do CERRADO (ao N.) e os Rib. do FERRAZ-Rib. do PINHAL (ao S.). Ella se acha representada no calco annexo.

O Rib. do FERRAZ, na época de realização das presentes operações, apresenta uma largura média de seis metros, na frente attribuida á retaguarda. Este trecho não dá váus. Em compensação, o Rib. das PEDERNEIRAS tem apenas uma largura média de tres metros e dá váu em varios pontos da sua extensão.

As regiões, marcadas na carta com a convenção de pantano, são de facto zonas difficeis, onde os movimentos exigem muito tempo e precauções especiaes.

A região não apresenta rede geodesica. A preparação regular do tiro se torna, pois inexequivel.

O tempo se mantém bom. A noite cai ás 18,30, amanece ás 5,30.

INDICAÇÕES A RESPEITO DAS MUNIÇÕES

No dia 15 de dezembro as munições se acham completas.

Cada grupo dispõe das munições transportadas, de um lado, com os meios inherentes ás Bias., de outro, na c. l. m. correspondente. Ellas importam em 254 tiros por peça (para a A.M.) e 305 tiros por peça (para a A. Mth.).

Além disso, o Gen. Cmt. da 2.ª D.I., executando uma decisão do Cmt. do agrupamento, deu ordem ao Pq. A. D./2, que se acha em ARARAS, para descarregar aí as suas duas secções de munições de A.L., as quaes passam á disposição da retaguarda da 2.ª D.I. e da 1.ª D.C., a partir das 18 horas desse dia. Estas secções contém:

Munições de 75 de A.M.:

3/4 de lote de Gran. Expl., modelo 1900;
 1/3 de lote de shrapnells.

Munições de 75 de A. Mth.:

1/4 de lote de Gran. Expl., modelo 1900.

Trabalhos pedidos:

1.º. Redigir o paragrapho "Artilharia" da ordem geral de operações n. Q., datada de 15 de dezembro, ás 13 horas.

2.º. Redigir as ordens, visando o emprego da artilharia, elaboradas pelos differentes escalões subordinados, que têm de tratar do assumpto, em consequencia da ordem geral de operações acima citada.

3.º. Representar num calco (esc. 1/100.000) o desdobramento da artilharia; os observatorios; as transmissões realizadas, em execução das ordens pedidas; a localização dos organs de remuniamento, ás 6 horas do dia 16.

4.º. Esmiucar os tiros previstos, de accôrdo com a Infantaria.

5.º. Ligações entre a infantaria e a artilharia.

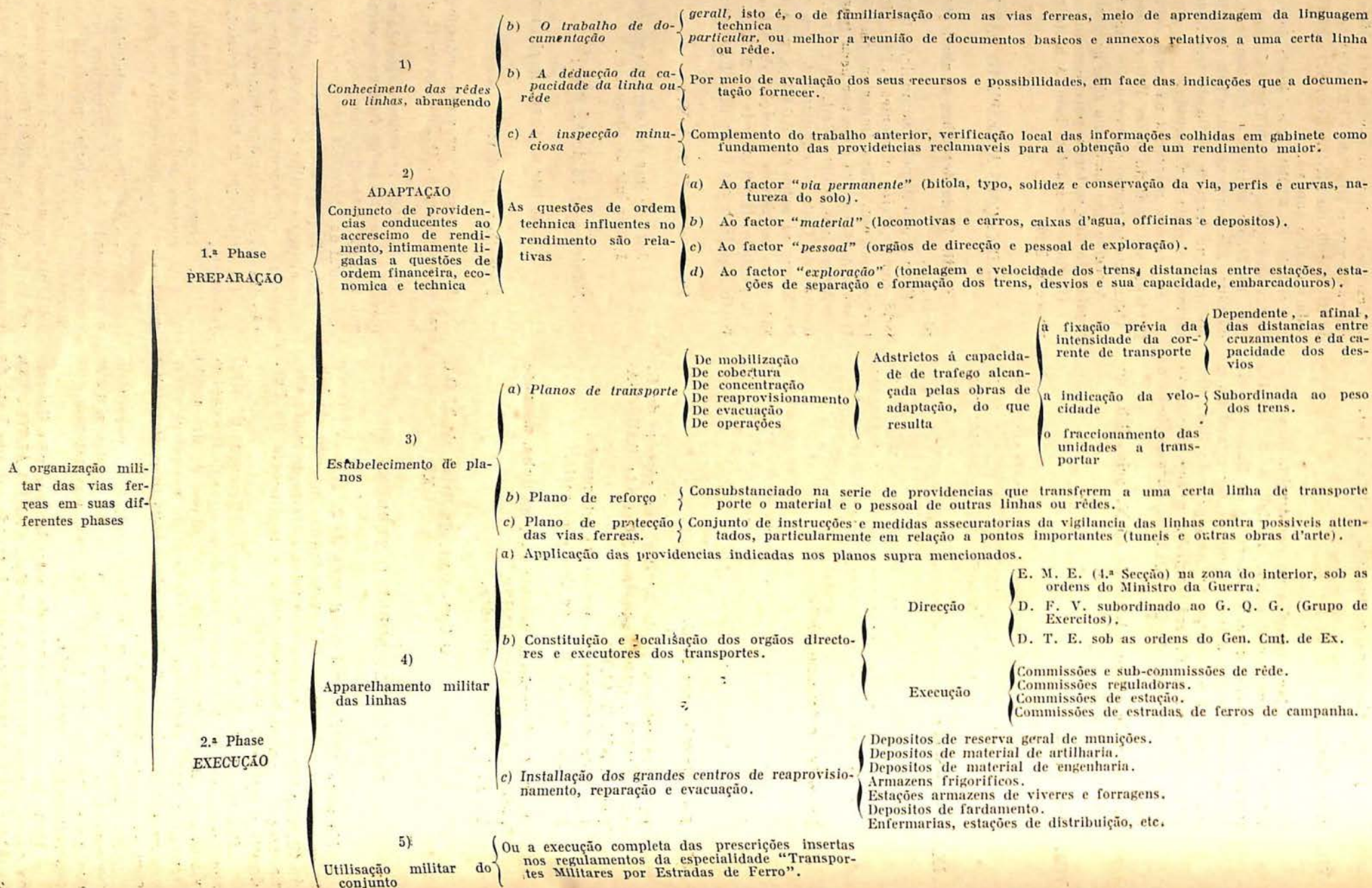
6.º. Ordens dadas pelo Cmt. da artilharia da retaguarda para o remuniamento nos dias 15 e 16.

NOTA — Admitte-se que o inimigo tomou contacto com a retaguarda desde as primeiras horas do dia 16, com elementos de cavallaria; que, ás 10 horas, appareceram os primeiros infantes inimigos na crista a E. de Faz. do RETIRO, ao mesmo tempo que tiros de 75 caíram sobre a crista E. de BARBOSA; finalmente, que, ao meio-dia, o consumo médio de munições de artilharia era já de 80 tiros por peça.

Synopse da organização militar das vias ferreas

SUBSIDIO: Six Conférences sur "Les Transports Militaires en Temps de Guerre" (Cel. Jasseron). Instrucções para a organização dos Transportes Militares em Tempo de Guerra. (E. M. S.).

MAJOR A. CUNHA LEAL



Convenções de Guerra

Cap. O. M. Aché.

(Continuação).

CAPITULO IV

Do material

- Art. 14. As formações sanitarias moveis conservarão, se cairem em poder do inimigo, seu material, nelle comprehendidas as atrelagens, quaesquer que sejam os meios de transporte e o pessoal conductor. Todavia, a autoridade militar competente terá a faculdade de delles se servir para o tratamento dos feridos e doentes. A restituição do material terá lugar nas condições previstas para o pessoal sanitario e, tanto quanto possível ao mesmo tempo.
- Art. 15. Os edificios e o material dos estabelecimentos fixos ficam submettidos ás leis da guerra, mas não poderão ser desviados de seu emprego, enquanto forem necessarios aos feridos e aos doentes.
- Todavia, os commandantes, de tropa em operações poderão delles dispôr, em caso de necessidades militares importantes, assegurando previamente o destino dos feridos e doentes que nelle se encontrarem.
- Art. 16. O material das Sociedades de soccorros, admitidas ao beneficio da Convenção conforme as condições determinadas por está, é considerado como propriedade privada, e, como tal, respeitada em todas as circumstancias, salvo o direito de requisição reconhecido ao belligerante segundo as leis e usos da Guerra.

CAPITULO V

Das comboios de evacuação

- Art. 17. Os comboios de evacuação serão respeitados como as formações sanitarias moveis, salvo as disposições especiaes seguintes:
- 1.º) O belligerante interceptando um comboio poderá se as necessidades militares o exigirem, deslocá-lo encaregando-se, porém, dos doentes e feridos que elle conduza;
 - 2.º) Nesse caso, a obrigação de enviar o pessoal sanitario, prevista no art. 12.º, será extensiva a todo pessoal militar encarregado do transporte ou da guarda do comboio e munido para isso de uma ordem regular.
- A obrigação de entrega do material sanitario previsto no art. 14.º, se applicará aos trens das estradas de ferro e navios de navegação interior especialmente organizados para as evacuações, assim como o material para a transformação das viaturas, trens e navios ordinarios pertencentes ao serviço de saude.
- As viaturas militares que não pertençam ao serviço de saude, poderão ser capturadas com as suas atrelagens. O pessoal civil e os diversos meios de transporte provenientes da requisição, nelles comprehendidos o material de estrada de ferro e navios utilizados para os comboios, serão submettidos ás regras geraes do direito das gentes.

CAPITULO VI

Do sinal distinctivo

- Art. 18. Como homenagem á Suíça, o sinal heraldico da cruz vermelha sobre fundo branco, formado pela inversão das côres federaes, é mantido como emblema e sinal distinctivo do serviço sanitario dos exercitos.
- Art. 19. Este emblema figurará nas bandeiras, braçaes, bem como em todo o material directamente li-

gado ao serviço sanitario com a permissão da autoridade militar competente.

- Art. 20. O pessoal protegido em virtude dos arts. 9.º alinea 1, 10.º e 11.º trará, fixado ao braço esquerdo, um braçal com a cruz vermelha sobre fundo branco, fornecido e carimbado (1) pela autoridade militar competente, acompanhado de um certificado de identidade para as pessoas ligadas ao serviço de saude dos exercitos e que não tenham uniforme militar.

(1) Os griphos são nossos.

- Art. 21. A bandeira, distinctivo da Convenção, não poderá ser hasteada a não ser nas formações e estabelecimentos sanitarios; que ella ordena respeitar, e com o consentimento da autoridade militar. Deverá ser acompanhada da bandeira nacional do belligerante a que pertencer a formação ou estabelecimento.
- As formações sanitarias caidas em poder do inimigo, porém, não içarão outra bandeira além da da Cruz Vermelha, durante o tempo em que estiverem nessa situação.
- Art. 22. As formações sanitarias dos paises neutros que, nas condições previstas pelo artigo 11.º, fôrem autorizadas a fornecer seus serviços, devem hastear, com a bandeira da Convenção, a bandeira nacional do belligerante de que dependerem.

As disposições da segunda alinea do art. precedentes lhes serão applicaveis.

- Art. 23. O emblema da cruz vermelha sobre fundo branco e as palavras *Cruz Vermelha* ou *Cruz de Genebra*, não poderão ser empregadas, quer em tempo de paz, como em tempo de guerra, senão para proteger ou designar as formações e estabelecimentos sanitarios, o pessoal e o material protegidos pela Convenção.

CAPITULO VII

Da applicação e da execução da Convenção

- Art. 24. As disposições da presente Convenção só serão obrigatorias para as potencias contractantes em caso de guerra entre duas ou varias dentre ellas. Estas disposições cessarão de ser obrigatorias desde que uma das potencias belligerantes não seja signataria da Convenção.
- Art. 25. Os commandantes em chefe dos exercitos belligerantes terão de providenciar sobre os detalhes de execução dos artigos precedentes, assim como nos casos não previstos, segundo as instrucções de seus Governos respectivos e conforme os principios geraes da presente Convenção.
- Art. 26. Os Governos signatarios tomarão as medidas necessarias para instruir suas tropas, e especialmente o pessoal protegido (1), quanto ás disposições da presente Convenção e para leva-las ao conhecimento das populações.

(1) Os griphos são nossos.

CAPITULO VIII

Da repressão aos abusos e das infracções

- Art. 27. Os Governos signatarios, cuja legislação não fôr desde já sufficiente, comprometter-se-ão a tomar ou a propôr ás suas legislaturas as medi-

das necessarias para impedir *em todo tempo o emprego*, por particulares ou sociedades além das que a elle tem direito em virtude da presente Convenção, do *emblema ou da denominação de Cruz Vermelha ou Cruz de Genebra, notadamente com um fim commercial, por meio de marcas de fabrica ou de commercio* (1).

(1) Os grifos são nossos.

A interdicção do emprego do emblema ou da denominação de que se trata, produzirá effeito a partir da época determinada em lei de cada pais e, ao mais tardar, cinco annos após ser posta em vigor a presente Convenção. Desde então, não será mais licito empregar marca de fabrica ou de commercio contraria á interdicção acima.

Art. 28. Os Governos signatarios se comprometterão igualmente a tomar ou propôr ás suas Camaras, em caso de insufficiencia de suas leis penaes militares, *as medidas necessarias para reprimir, em tempo de guerra, os actos individuaes de pilhagem e de máus tratos para com feridos e doentes* (1) dos exercitos, assim como para punir, como *usurpação de insignias militares, o uso abusivo da bandeira e do brachal da Cruz Vermelha por militares ou particulares não protegidos pela presente Convenção*.

Os Governos comunicar-se-ão, por intermedios do conselho Federal Suíço, as disposições relativas á esta repressão, no mais tardar cinco annos após a ratificação da presente Convenção.

(1) Os gryphos são nossos.

Disposições Geraes

Art. 29. A presente Convenção será ratificada desde que possivel. As ratificações serão depositadas

em Berna, sendo lavrada, do deposito de cada ratificação, uma acta, da qual uma copia, authenticada será enviada por via diplomatica a todas as potencias contractantes.

Art. 30. A presente Convenção entrará em vigor para cada potencia seis meses após a data do deposito de sua ratificação.

Art. 31. A presente Convenção, devidamente ratificada, substituirá a Convenção de 22 de Agosto de 1864 nas relações entre os Estados contractantes.

A Convenção de 1864 em vigor nas relações entre as partes que a assinaram e que não ratificaram igualmente a presente Convenção.

Art. 32. A presente Convenção poderá, até 31 de Dezembro proximo, ser assinada pelas potencias representadas na Conferencia aberta em Genebra a 11 de Junho de 1906, bem como pelas potencias não representadas nessa Conferencia que assinaram a Convenção de 1864. Dessas potencias, as que, a 31 de Dezembro de 1906 não tenham assinado a presente Convenção, ficarão livres de a ella adherirem mais tarde. Terão, entretanto, que dar conhecimento de sua adhesão por meio de uma notificação escripta dirigida ao Conselho Federal Suíço e communicada por este a todas as potencias contractantes.

As outras potencias poderão pedir sua adhesão dá mesma forma, porém, seu pedido só produzirá effeito se no prazo de um anno a partir da notificação ao Conselho Federal, não tiver elle recebido opposição por parte de qualquer uma das Potencias contractantes.

Art. 33. Cada uma das partes contractantes terá a faculdade de denunciar a presente Convenção. Esta denuncia só produzirá seus effeitos um anno após a notificação feita por escrito ao Conselho Federal Suíço, o qual communicará immediatamente a notificação a todas as outras partes contractantes. Esta denuncia só valerá com relação á potencia que a tiver denunciado.

BIBLIOGRAPHIA

A *Primeira*, a revista por excellencia, n.º 12.
Monitor Mercantil, Rio de Janeiro n.ºs.: 621-622-623-624 e 625.

Revista de Engenharia do Mackenzie College, S. Paulo n.º 45.

O Automovel, Rio de Janeiro n.º 1.

La Couquête de l'air, Paris n.º 11.

L'Air, Paris n.º 192 e 6 supplementos de 15 de Novembro de 1927.

Aviation, E. U. A. n.ºs. 19-20-21 e 22.

A Era Ferragista, Rio de Janeiro, n.º 7.

Aviação, Rio de Janeiro n.º 13.

Lloyd Mercantil, Rio de Janeiro n.º 2.

Cultura e Trabalho, Rio de Janeiro n.º 4.

Nação Brasileira, Rio de Janeiro n.º 4.

Nação Brasileira, Rio de Janeiro, n.º 51.

Nossa Terra, Rio de Janeiro, n.º 4.

Bulletin de la Navigation Aérienne, Paris, n.º 89.

Revista Militar, Bolivia, n.º 69 e 70.

Revista de Intendencia, Rio de Janeiro n.ºs. 19 e 20.

A' vida Nacional, Rio de Janeiro, n.º 1.

Moeda e Credito, Rio de Janeiro, n.ºs. 27 e 28.

O Soldado de 1827, autoria do Capitão F. de Paula Cidade.

Revista Militar, Buenos Aires n.º 322.

Revista Maritima Brasileira, Rio de Janeiro n.º 5.

Gazeta da Bolsa, Rio de Janeiro, n.ºs. 47-48-49-50-51 e 52.

Revista Popular Brasileira, Rio de Janeiro n.ºs 174-175-176 177 e 178.

Revista da Escola Militar, Rio de Janeiro n.º 8 e 9.

Revista del Centro Militar, Honduras, n.ºs. 3 e 4.

Revista Aérea, Mexico n.º 9.

Revista de Medciina e Hygiene Militar, Rio de Janeiro n.º 9.

Avicultura Efficiente, Rio de Janeiro n.º 10 e 11.

Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, Rio de Janeiro, 20 exemplares de s|edição.

Photogramma, Rio de Janeiro, n.º 16.

Mexico, Rio de Janeiro, n.º de Setembro.

Revista de Policia, Rio de Janeiro n.º 11.

A Escola, Rio de Janeiro, n.º 1 á 51 do Dr. George Summer.

Boletim da Associação dos Empregados Commercio, Rio de Janeiro n.º 29.

Revista del Colegio Militar, Mexico, n.º 3.

Revista Militar, Lisboa n.ºs. 11 e 12 da segunda época.

Revista Militar, Paraguay n.º 11.

Turysta, Polonia n.ºs. 6 e 7.

La Cronica, Mexico n.º 28.

Vida Maritima, Madrid n.º 844.

El Soldado, Mexico, n.º 10.

Revista y Marina del Ejercito, Mexico n.º 10.

Revista Militar del Circulo Militar, S. Salvador n.º 85 e 86.

Tricolor, Rio de Janeiro, n.º 2. tres exemplares.